



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ILZIVANE DA SILVA ABREU

**COMO OCORREU A EXTRAÇÃO DO LÁTEX NA COMUNIDADE SÃO
LUÍS DO TAPAJÓS**

Itaituba – PA

2018

ILZIVANE DA SILVA ABREU

COMO OCORREU A EXTRAÇÃO DO LÁTEX NA COMUNIDADE SÃO LUÍS DO TAPAJÓS

Trabalho de Conclusão de curso apresentado a
Faculdade de Itaituba-FAI, para obtenção do título
de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Esp. Huyrismar Almeida Barros

Itaituba – PA

2018

Abreu, Ilzivane da Silva Abreu

A EXTRAÇÃO DO LÁTEX NA COMUNIDADE SÃO LUÍS DO TAPAJÓS:/
Ilzivane da Silva Abreu. Itaituba: FAI, 2018.

58 f. il.

Orientador: Prof. Esp.: Huyrismar Almeida Barros

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Itaituba,
2018.

1.Licenciatura 2.História. I. Huyrismar Almeida Barros.II. Faculdade de
Itaituba., BR- PA, 2018.

ILZIVANE DA SILVA ABREU

COMO OCORREU A EXTRAÇÃO DO LÁTEX NA COMUNIDADE SÃO LUÍS DO TAPAJÓS

Trabalho de Conclusão de curso apresentado a
Faculdade de Itaituba-FAI, para obtenção do título
de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Esp. Huyrismar Almeida Barros

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Prof.^a Mara Aparecida Pereira do Nascimento, Especialista.

Orientador: _____ Nota: _____

Prof. Huyrismar Almeida Barros, Especialista.

Avaliador: _____ Nota: _____

Prof. Maria Danielle Lobato Paes, Especialista.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 20 de março de 2018.

Primeiramente a Deus que mais uma vez me concedeu essa grande vitória e a minha família, em especial, com muito carinho, aos meus filhos Hiago Cesar e Damaris Emanuelly, ao meu esposo Hugo Cesar e aos meus pais, pela atenção e o incentivo que sempre me proporcionaram. Por esse motivo dedico a eles essa grande vitória que consegui conquistar.

AGRADECIMENTOS

Sou muito grata, primeiramente a Deus, por me ajudar e permitir que eu realizasse mais essa etapa da minha vida acadêmica.

A minha família, em especial ao meu esposo Hugo Cesar, que me deu todo apoio, como também, aos meus filhos, pois é por eles que busquei cursar o nível superior em História, bem como, aos meus pais, José das Mercês e Ivaneide da Silva. Enfim, a todos os meus parentes que sempre me deram incentivo.

Estou muita agradecida ao meu orientador, professor especialista, Huyrismar Almeida Barros, por ter tido toda a paciência e pelas instruções que o mesmo repassou para mim.

E, por fim, sou muito grata a todos os colegas da minha turma de História, pois sempre ajudaram uns aos outros.

*“Posso todas as coisas naquele
que me fortalece”. (Filipenses 4.13-Bíblia
Sagrada)*

RESUMO

Como ocorreu a extração do látex na comunidade São Luís do Tapajós, que busca entender o motivo de a mesma ser uma das primeiras comunidades fundadas. Com constatação previa da carência pela história da comunidade São Luís do Tapajós, além dos fatos de ser filha daquela terra e ter cursado História, sentindo então a necessidade de relatar os fatos históricos que ocorreram nessa comunidade. Ressaltando-se que é papel de um historiador, também se dedicar a registrar fatos socioeconômicos e ambientais, que vem delinear e caracterizar a história da comunidade no período em que houve a extração do látex, no ciclo da borracha na Amazônia. Evidenciar a história da comunidade São Luís do Tapajós, buscando mostrar com clareza todos os fatos ocorridos quando se deu início a extração da borracha, com ênfase no que ocasionou o período da extração do látex na Amazônia e analisando quais foram os fatos que aconteceu no passado e se atualmente tem influência dentro da comunidade, tanto social, quanto econômico e ambiental ocorridos nesse período, além disso, enfatizar o não desenvolvimento dessa comunidade, desde o fim da extração do látex .A primeira etapa desenvolvida é a pesquisa bibliográfica, ou seja, através da leitura de vários livros de diversos autores,dentro desse projeto, a segunda etapa a ser executada é a pesquisa de campo, quando há um diálogo entre o entrevistado e o entrevistador. Ainda trabalhou-se a pesquisa explicativa, pois a mesma vem abordar os reais motivos que ocasionou o determinado acontecimento qual está sendo evidenciado. Com base em estudos em vários autores, no primeiro e segundo ciclo, mostrando muitos fatos que ocorreram pelas citações na revisão bibliográfica. Com o propósito de abordar e volver relatos históricos imprescindíveis que houveram na Comunidade São Luís do Tapajós, no período do ciclo da borracha na Amazônia, com fundamento em alguns autores que contribuíram com argumentos diferenciados, com objetivo de descrever detalhadamente todos os fatos decorrentes na extração do látex.

Palavras-chaves: Extração. Amazônia.Látex.Ciclo da Borracha.Comunidade.

ABSTRACT

As the extraction of latex in the São Luís do Tapajós community occurred, which seeks to understand why it was one of the first founded communities. With a previous observation of the lack of history of the community of São Luís do Tapajós, besides the facts of being the daughter of that land and having studied History, then felt the need to report the historical facts that occurred in that community. It should be emphasized that it is the role of a historian to devote himself to recording socioeconomic and environmental facts, which outlines and characterizes the history of the community in the period of latex extraction in the rubber cycle in the Amazon. To demonstrate the history of the São Luís do Tapajós community, aiming to show clearly all the facts that occurred when rubber extraction began, with emphasis on what caused the period of latex extraction in the Amazon and analyzing what happened in the past and if it currently has influence within the community, both social, economic and environmental occurred during this period, and also emphasize the non-development of this community, from the end of the extraction of latex. The first step is the bibliographical research, through the reading of several books of several authors, within this project, the second stage to be executed is the field research, when there is a dialogue between the interviewee and the interviewer. The explanatory research has still been worked out, since it addresses the real motives that caused the given event which is being evidenced. Based on studies in several authors, in the first and second cycle, showing many facts that occurred by the citations in the bibliographic review. With the purpose of approach and to return essential historical reports that were in the São Luís do Tapajós Community, in the period of the rubber cycle in the Amazon, based on some authors that contributed with differentiated arguments, with the purpose of describing in detail all the facts deriving from the extraction of latex

Keywords: Extraction. Amazônia.Látex.Cycle of Rubber.Community.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Seringueira nativa no Alto Tapajós, próximo a comunidade São Luís do Tapajós.....	16
Figura 2 – Seringueira nativa com cortes para extração do látex no Alto Tapajós, próxima a comunidade São Luís do Tapajós.....	17
Figura 3 – Desenho de Jean Pierre Chabloz, de 1943, mostra seringueiro produzindo as bolas de borracha.....	30
Figura 4 – imagem de uma machadinha, objeto utilizado para fazer corte na seringueira.....	31
Figura 5 – Casas de madeira em Fordlândia.....	40
Figura 6 – Comunidade São Luís do Tapajós.....	48
Figura 7 – José Saturno Dias, pessoa com quem foi realizada a entrevista.....	57
Figura 8 – Sebastião Damasceno, pessoa entrevistada.....	57

LISTA DE SIGLAS

SEMTA –Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para o Amazonas.

SESP –Serviço Especial de Saúde Pública.

SAVA –Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico.

RDC – Rubber Development Corporation.

BCB –Banco de Crédito da Borracha.

CAETA – Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores.

SNAAPP –Serviço de Navegação da Amazônia e Administração do Porto do Pará.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUDAMENTAÇÃO TEORICA	14
2.1 HISTÓRICO DO CICLO DA BORRACHA	14
2.1.1 Primeiro Ciclo	14
2.1.2 Segundo Ciclo	21
2.2 A BUSCA POR LATÉX NATIVO NO ALTO TAPAJÓS	29
2.3 SOLDADOS DA BORRACHA	33
2.4 PLANEJAMENTO E CONSTRUÇÃO DE FORDLÂNDIA	39
3 METODOLOGIA	46
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	46
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA – COMUNIDADE SÃO LUÍS DO TAPAJÓS	48
4 RESULTADO E DISCUSSÃO	50
4.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO	50
4.2 ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS	51
5 CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS	55
ANEXOS	57

1INTRODUÇÃO

Com um o intuito de melhor conhecer a História da extração do látex no período do ciclo da borracha na Amazônia, esta monografia com o tema “Como ocorreu a extração do látex na comunidade São Luís do Tapajós, vem proporcionar conhecimento dos fatos históricos ocorridos na referida comunidade, com a problematização enigmática que busca entender o real motivo de a mesma ser uma das primeiras comunidades fundadas, e, apesar da sua presença marcante no auge da extração do látex no ciclo da borracha na Amazônia, encontra-se destinada a enorme abandono, tanto pelas autoridades competentes quanto em relatos históricos.

A comunidade São Luís do Tapajós vem trazer conhecimento dos antepassados às novas gerações, no entanto, não há nenhum registro documental que a comunidade conheça, ou seja, relatando como era a verdadeira realidade, tanto da comunidade São Luís do Tapajós, quanto dos seringueiros que enfrentaram a floresta amazônica em busca de retirar o látex, em busca por melhores condições de vida.

Com a finalidade de uma melhor perspectiva no resultado da pesquisa realizada, houveram vários questionamentos a serem abordados: Como São Luís do Tapajós vivenciou a extração do látex no ciclo da borracha? A população dessa comunidade conhece a história da extração da borracha? Quais as consequências que São Luís do Tapajós tem enfrentado, desde o início desse período até os dias atuais?

A justificativa deste tema parte da constatação previa da carência pela história da comunidade São Luís do Tapajós, além dos fatos de ser filha daquela terra e ter cursado História, sentindo então a necessidade de relatar os fatos históricos que ocorreram nessa comunidade. Ressaltando-se que é papel de um historiador, também se dedicar a registrar fatos socioeconômicos e ambientais, que vem delinear e caracterizar a história da comunidade no período em que houve a extração do látex, no ciclo da borracha na Amazônia.

Portanto, tem-se como objetivo geral evidenciar a história da comunidade São Luís do Tapajós, buscando mostrar com clareza todos os fatos ocorridos quando se deu início a extração da borracha, ressaltando-se que os objetivos específicos enriquecem cada aspecto apresentado nesta monografia, abrangendo relatos

quanto o que aconteceu com os soldados da borracha, desde a sua entrada até sua saída do seringal, com ênfase no que ocasionou o período da extração do látex na Amazônia e analisando quais foram os fatos que aconteceu no passado e se atualmente tem influência dentro da comunidade, tanto social, quanto econômico e ambiental ocorridos nesse período, além disso, enfatizar o não desenvolvimento dessa comunidade, desde o fim da extração do látex no ciclo da borracha, bem como, mostrar que os Soldados da Borracha contribuíram com garra e coragem, no intuito de aniquilar a Segunda Guerra Mundial, mas não foram reconhecidos.

Esta monografia é composta e subdividida da seguinte forma: inicialmente é estabelecida a introdução, pois, a mesma propõe uma visão ampla e panorâmica de toda estrutura que será executada nesta obra. Posteriormente, a fundamentação teórica que vem retratar diferentes informações, com base em vários autores com idealizações e argumentos. Logo em seguida, está posto a metodologia, que traz com objetividade e clareza, os métodos que foram utilizados para realização dessa pesquisa, sendo que nesse estudo foi trabalhada a pesquisa bibliográfica com referências de autores diversificados, entre eles, Sampaio (2007), Franco (1998), Dean (1989), Duarte (2015), Secreto (2007), Oliveira Filho (2011) e Bueno (2012). Ainda destaca-se as características da localidade onde decorreu a pesquisa de campo, inclusive com auxílio de um mapa, mostrando com clareza detalhes da comunidade São Luís do Tapajós, bem como, apresentação dos dados de pessoas que trabalharam na extração do látex e sucederá a entrevista com os mesmos. Em resultado e discussões, apresenta-se análise de todo trabalho executado, o que é essencial pois, mostra se a pesquisa de campo condiz com os argumentos citados dos diversos autores citados na fundamentação teórica. Por fim, dedicou-se à conclusão, frisando se na pesquisa realizada obteve-se êxito quanto à perspectiva desejada, bem como, se objetivo que levou a fazer a determinada pesquisa foi atingido, não deixando de relatar as fontes das informações apresentadas, na conclusão.

2 FUDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 HISTÓRICO DO CICLO DA BORRACHA

2.1.1 Primeiro Ciclo

Segundo Oliveira Filho (2011), No início da extração do látex em seringueiras, a borracha era extraída somente pelos indígenas, cenário que modifica-se m 1839, quando a mesma veio obter valor comercial, ao ser descoberto o processo de vulcanização por Charles Goodyear, período que teve início da Revolução Industrial.

Na época, milhares de homens trabalhadores vieram do Nordeste, principalmente do Ceará, em busca de melhores condições de vida, pois em suas cidades a seca estava muito extensa, e, a Amazônia era considerada muito abundante e pouco habitada, sendo somente indígenas os habitantes dessa área, motivos da grande migração em busca de extrair o látex.

A borracha era o segundo maior produto de exportação, com isso houve um grande interesse em obter lucro por parte dos denominados barões da borracha. Nos locais de extração haviam barracões que vendiam, tanto produtos alimentícios quanto materiais para o uso cotidiano, com preços absurdos, cobrados pelos patrões. Muitos nunca conseguiam pagar suas dívidas, pois sempre que pagavam levavam mais produtos para o seu uso, sempre acumulando débito, como afirma o autor:

O seringal ainda possui um barracão, onde são vendidos gêneros alimentícios e demais produtos aos seringueiros a preço de ouro. O sistema formal desse tipo de venda, que culminava na escravidão por débito, é denominada de aviamento. Além disso, os seringueiros eram proibidos de desenvolver qualquer tipo de atividade que os desviassem da coleta do látex, mesmo que está se destinasse à sua subsistência (OLIVEIRA FILHO, 2011, p.1).

Apesar do grande auge do ciclo da borracha, ela entrou em declínio, pois houve subtração de milhares de sementes de seringueiras pelo inglês Henry Wickman para a região do sudeste asiático, onde foram plantadas e, quando já estavam produzindo em grande escala, eram ofertadas por um preço mais inferior que o do Brasil. No entanto, na Segunda Guerra Mundial se estabeleceu um novo interesse pela borracha nativa da Amazônia, visto que a borracha asiática estava

sob domínio do Japão, que era inimigo dos Estados Unidos, qual estava produzindo muitos automóveis e por esse motivo necessitava de muita borracha.

De acordo com Dean (1989) os indígenas brasileiros sempre acreditaram que cada planta domesticada possuía um significado mitológico, mandado pelos deuses, e mesmo documentos que retratam que na história ocorreram várias mudanças, ainda há uma versão de fatos maravilhosos desse acontecimento. Mas, a história da borracha que iniciou-se como mito, prevaleceu e conquistou a liberdade do mundo inteiro, apesar do imprevisto, ou seja, o caso que ocorreu com a seringueira quando o inglês Henry Wickman veio ao Brasil com propósito de roubar sementes de seringueiras para fazer uma plantação fora da Amazônia no Sudeste Asiático. “Henry Wickman, o patife inglês, o ladrão das sementes de seringueiras. A transferência da seringueira para fora da Amazônia brasileira e sua domesticação no Sudeste Asiático constituíram um fato realmente notável”(DEAN, 1989, p. 29).

Há indícios, de muitos anos atrás, que a borracha primeiramente ficou conhecida na América Central, pois, os americanos utilizavam a goma para fabricar vários objetos e esse látex era extraído da selva. Houve grande interesse por parte da colônia portuguesa, ou seja, pela a borracha de Belém, perto da foz do Amazonas, diferente das quais os mesmos já tinham conhecimento, conhecida então por “seringueira”. Eram enviados vários objetos de Lisboa para Belém para passar por um processo de flexibilidade e mandados de volta para serem usados, e, portanto, vários negociadores da Inglaterra se interessaram pelos produtos feitos de seringas.

Com a descoberta e interesse pela seringa, Charles Goodyear, estabilizou com substância química e assim foi estabelecido o processo de vulcanização, havendo crescimento muito grande pela procura da borracha, pois a mesma era utilizada de várias formas. Em decorrência dos fatos que a cada dia, crescia a matéria-prima e crescia o interesse de vários cientistas em descobrir o que significava aquela espécie de árvore que até então era desconhecida cientificamente. Foi através de várias pesquisas que finalmente Jean Mueller descreveu em um trabalho científico, um nome de imitação provisória, logo em seguida adotando o nome de *Hevea brasiliensis*, com base de estudos realizados em amostras, levados para Belém. Dean (1989) afirma que enfim, a árvore da borracha havia recebido uma designação científica estável e os futuros coletores teriam condições de saber mais ou menos o que estavam buscando.

Tratava-se então descritivamente de uma árvore de origem amazônica, de crescimento bastante elevado, variando de trinta a cinquenta metros, na maioria das vezes, encontrada em local de bastante fluxo de água, pois suas pequenas sementes boiam sobre a água, mas existiam algumas árvores em floresta firme, mas, havia restrições, pois essas possuíam enorme concentração de árvores em forma de semicírculo em decorrência da margem do rio Amazonas, até o leste do Peru.



Figura 1 – Seringueira nativa no Alto Tapajós, próxima a comunidade São Luís do Tapajós.
Fonte: Silva (2017).

No ano de 1955, Spruce descreveu em um jornal todo o processo que era realizado para extrair o látex. Com esses relatos, alguns naturalistas que se interessavam bastante pelo assunto não deram a menor importância, pois queriam ter experiência prática. No ano de 1975 foi enviado para Wickham uma correspondência do D. Hooker, diretor do Jardim Botânico de Kew, onde estava escrito que o mesmo pagaria o quanto fosse suficiente por cada semente que a ele fosse enviada. Porém, Wickham lhe disse que já tinha passado o período da colheita da semente, mas que na próxima colheita o tanto que pudesse.

Depois de algum tempo Wickham volta a escrever dizendo que já tinha iniciado a colheita de sementes e que logo lhe enviaria. No período que o navio chegou da Inglaterra, o mesmo fez um contrato em nome do governo indiano para transportar a mercadoria a qual seria enviada. Quando o navio chegou no dia que havia planejado o seu retorno a Inglaterra, Wickham embarcou todas as sementes

cobertas com palhas e o mesmo foi junto com sua esposa à determinada localidade, e assim se inicia a viagem que seria o fim da comercialização da borracha brasileira.

No decorrer da viagem o navio teve que parar no trapiche de Belém para ser feito uma breve revista em todos os produtos que seriam transportados. Como Wickhamjá sabia se o navio encostasse em Belém poderiam ser descobertas as sementes que estavam sendo levadas, logo procurou falar com o consulado e recorrer ao chefe que fazia as vistorias, no entanto foi liberado a seguir a viagem, pois o chefe, que fiscalizava as embarcações, tinha base em um artigo qual relatava que todos os produtos naturais a serem analisados por estudiosos deveriam passar sem abrir o local que esses produtos estavam sendo levados. Conforme o autor:

Os produtos destinados aos Gabinetes de História Natural, coligidos e arranjados no Império por professores para esse fim expressamente comissionados por governos, ou academias estrangeiras, [...] despachar-se-ão sem abrirem os volumes em que estiverem acondicionados, bastando a declaração jurada do naturalista, e cobrar-se-ão os direitos pelo valor que se lhes der, à vista das relações em duplicata que deve o mesmo apresentar (DEAN, 1989, p. 44).

A *Hevea brasiliensis* é uma árvore nativa, todas de característica são parecidas, havia uma variação de distância entre si e por isso eram realizadas estradas que favoreciam a trafegabilidade entre as seringueiras, com a duração de vários meses para iniciar o processo de extração do látex, qual era retirado através de trabalho manual, por meio de vários cortes na seringueira com um objeto metálico chamado machadinha.



Figura 2 – Seringueira nativa com cortes para extração do látex no Alto Tapajós, próxima a comunidade São Luis do Tapajós. Fonte: Silva (2017).

Na parte interior da casca, eram colocadas vasilhas para colher o material que escorria daqueles pequenos cortes e até a borracha estar pronta para comercialização, eram executados vários processos. Ressaltando-se que além da *Hevea brasiliensis*, ainda existia outras espécies de seringueiras na Amazônia, mas não possuíam o mesmo valor que a *Hevea brasiliensis* tinha e o imenso número de árvores nativas era enorme e jamais se tornaria extinta, pois havia muita floresta que nunca explorada.

Para a extração do látex nativo, não era proposto o pagamento de salários pelo o que faziam, então, os seringueiros trabalhavam, muitas vezes sozinhos e, em outras, formavam grupos para expedição em busca de extrair látex em locais que não eram conhecidos por eles, considerados inabitados, mas em região de numerosos indígenas. Todo produto extraído era comercializado com pessoas que trabalhavam com esse material. Nesse período não existiam leis trabalhista e com isso alguns homens, que iniciaram como seringueiros, depois de produtividade maior, criavam regras nos seringais e assim se tornavam patrões. Sendo assim, os pequenos seringueiros eram obrigados a fornecer todo material retirado da floresta, enquanto o patrão lhes fornecia objetos e créditos comerciais. Isso nada mais era do que um tipo de escravidão por endividamento, pois o patrão aumentava o preço do produto fornecido ao seringueiro e ao final de todo o trabalho era o seringueiro que ficava sempre em débito com o patrão. “Tal sistema representava uma grande exploração dos seringueiros, pois o patrão obtinha lucro mediante a venda de artigos de comércio, cujos preços manipulava de modo que no final do ano o saldo dos seringueiros muitas vezes era negativo” (DEAN, 1989, p. 72). Além desse fato vivenciado pelos seringueiros não era um trabalho realizado em um só local, pois a extração do látex era efetuada somente durante seis meses em cada lugar. O modo que vivia os seringueiros no seringal era de uma precariedade muita grande, com todo sofrimento enfrentado pelos mesmos, ainda tinham que conviver com perigo constante de possível ataque de indígenas e de animais silvestres.

O governo tinha esperança de consumo bem elevado, com maiores investimentos de recursos dos estrangeiros, diminuindo os gastos da coleta. Fomentava-se a extração da borracha nativa, sendo necessário que os amazonenses fizessem plantações de grande extensão para ofertar um produto com mais propriedade e com preço bem acessível, em comparação ao do Jardim Botânico Asiático.

No começo da década de 20, já era notório uma vasta plantação de seringueiras no Brasil, visto que, muitos brasileiros se basearam nas técnicas que foram utilizadas no plantio do Sudeste Asiático, estudando manuais de instruções disponíveis em livrarias do Brasil. Muitos cultivadores inventavam seu próprio modo de plantar, ao redor deixavam fluir novas árvores para ficar parecida com as seringueiras da região amazônica.

O governo Brasileiro ofertava terras para quem quisesse fazer plantação, porém o imposto cobrado para poder fazer a exportação era exorbitante, além disso, possuía mão-de-obra barata e a produção era pouca. No entanto, o governo proporcionava várias regalias como transporte, saúde e alimentação acontecia como incentivo para que os amazonenses fizessem enormes plantios.[...] “os brasileiros asseguraram que a Amazônia era a pátria da seringueira, e, que sem dúvida nenhuma, produziria melhor ali do que em qualquer outro lugar” (DEAN, 1989, p. 86). Mas, a verdade é que mesmo a Amazônia sendo o local de origem natural da seringueira, existia algo ainda não descoberto cientificamente, o que vinha desanimar os plantadores de seringueiras que procuravam se habilitar em praticar outros tipos de culturas.

Com base em Bueno (2012), somente em 1743, ao navegar o rio Amazonas, o francês Charles Marie de La Condamine, que era naturalista, avistou uma árvore de grande porte, que tinha várias flores e, dessa árvore os nativos extraíam um leite branco que ao ser solidificado ficava com elasticidade impermeável, da qual os nativos da região fabricavam vários produtos, entre eles, brinquedos para as crianças. Ao retornar para França levou uma porção de látex, nessa época essa matéria-prima existente na Amazônia era conhecida como caoutchouc. Tendo em suas mãos a posse desse material, realizou experiências tentando confeccionar uma vestimenta que não molhasse facilmente, daí em diante esse produto passou a ser conhecido em todo mundo e só foi crescendo as importações.

No ano de 1839, quando Charles Goodyear aprimorou a técnica que aquecia a borracha, permitido ser usada em vários objetos, havendo um enorme crescimento quando surgiu a bicicleta, criada no ano de 1890, posteriormente a disseminação do carro, no ano de 1900. Ford, no ano de 1896, deu início a construção de seu primeiro automóvel. Com a produção de pneus, aumentaria em grande escala a proporção da comercialização da borracha e em muitos anos estaria sob domínio amazônico.

Segundo Lima (2013) a borracha nativa da Amazônia era extraída, em sua maior parte, das árvores de *Hevea brasiliensis*, mais popularmente conhecida como seringueira, árvore de origem da bacia hidrográfica do Rio Amazonas, de grande porte, com inúmeras dessa espécie. Em decorrência de várias análises e estudos realizados, os europeus descreveram sobre a borracha, falando da grande utilização pelos indígenas, mencionada nas viagens realizadas por Cristóvão Colombo.

Durante muitas viagens de inúmeros naturalistas que estiveram na Amazônia, Charles Marie de La Condamine, foi um dos primeiros a relatar cientificamente seus aspectos e expor enorme perspectiva nas indústrias de um novo produto extraído da floresta, o que terminaria trazendo um enorme fluxo para a Amazônia e que se expandiria pelo mundo inteiro, assim despertando enorme entusiasmo e pretensão pelo látex. “A borracha era o produto natural de mais variada utilização, com mais de 40 mil aplicações na indústria. Lembrando que a borracha acompanha o homem desde o berço até o túmulo” (LIMA, 2013, p.26). Com a enorme demanda de borracha na Amazônia cada dia aumentava, visto que, essa região era o local que mais encontrava-se seringueiras naturais, não só *Hevea brasiliensis*, mas várias outras espécies que também produziam o látex, não com qualidade que a *Hevea brasiliensis* possuía.

Como o mercado estava necessitando de grande quantidade de borracha, não demorou muito tempo para toda essa situação mudar, havendo um grande contrabando de sementes da seringueira, transportadas da Amazônia para Inglaterra com o intuito de domesticá-la e assim produzir sua própria borracha. Conforme Lima:

Assim, por volta do ano de 1876, o botânico inglês Henry Wickham, a serviço do Império Britânico, teria coletado e selecionado cerca de 70.000 sementes da seringueira no vale do Tapajós, Região do Baixo Amazonas, enviando-as no navio “Amazonas”, aos Jardins Botânicos de Kew, nos arredores de Londres. Posteriormente, o material, depois de melhorado e multiplicado, teria sido levado para colônias britânicas, na Ásia, sobretudo na Malásia e Sri Lanka. Ali a produção acabou por superar a da Amazônia. Em consequência disso teria se iniciado o esgotamento do ciclo da borracha, com um gradual esvaziamento econômico e populacional da região (LIMA, 2013, p.27).

Todos almejavam adquirir riqueza com facilidade, o que era prometida para todos os homens que trabalhavam com a seringa, o que mobilizou grande contingentes de trabalhadores, atraídos por uma força irresistível. Ansiosos em conseguir mudar de vida com a extração de borracha, todos bravos e fortes, não

tinham medo e nem preocupação em fixarem-se na terra. Para todos os seringalistas a única atividade a ser praticada nesse período era destinada a extração do valioso látex. Apesar do trabalho escravo que era executado, era uma atividade considerada normal, tanto por seringalistas quanto pelos e seringueiros.

Com a busca desgovernada pelo látex, era necessário estabelecer prensa, por parte dos patrões e pelas casas comerciais que compravam o produto e que revendiam a seus clientes. Com o desejo de vencer a escravidão que estavam enfrentando, os seringueiros elaboravam alternativas buscando crescer sua demanda na produção da borracha, mas não tinham como se conter e ao invés de se dispor de suas dívidas anteriores e, assim conseguir guardar fortuna, os seringueiros acabavam por se endividar mais do que já estavam sendo assim escravo por débitos. “Tais práticas perduraram no tempo, chegando a ser praticada também pelos Soldados da Borrachae mesmo depois da Segunda Guerra Mundial” (LIMA, 2013, p.31). Como as dívidas só aumentavam, muitos seringueiros começaram a inserir produtos na borracha, esse fato não era somente praticado pelos trabalhadores, mas também por muitos seringalistas que utilizava esse meio para aumentar e conseguir faturar ainda mais com sua produção de forma desonesta.

Não demorou muito tempo e a economia da região amazônica foi colocada definitivamente abaixo. Todo dinheiro público que era arrecadado minguou e logo a área comercial entrou em declínio, com enormes consequências para a comunidade local, quando a Amazônia encontrava-se defasada economicamente, pois, a borracha, era o principal produto de exportação da região.

2.1.2 Segundo Ciclo

Como afirma Oliveira Filho (2011), se inicia o segundo ciclo da borracha, entre os anos de 1942 e 1945, quando os Estados Unidos fizeram um acordo com o Brasil para abastecer da borracha a quantidade que necessitavam para a industrialização de seus automóveis. O presidente Getúlio Vargas iniciou um recrutamento de homens, chamados de soldados da borracha, com intuito de cumprir seu acordo. Realizou vários programas, um deles o SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para Amazônia), com sua sede em Fortaleza, além de vários outros programas criados, como SAVA (Serviço para o Abastecimento do

Vale de Trabalhadores da Amazônia) e o Banco de Crédito da Borracha (OLIVEIRA FILHO, 2011, p.2).

Todos esses programas citados tinham o único objetivo de trazer vários trabalhadores para extração do látex na Amazônia, e, muitas vezes, os homens não tinham opção de escolher se queriam ou não trabalhar nos seringais, pois o governo dizia que caso não quisessem extrair látex iriam para guerra e, na maioria das vezes, preferiam extrair o látex, devido estar mais próximos de suas famílias e estar em seu país. Já outros vinham em busca de melhores condições financeiras, pois programas retratavam que iam dar suporte para todos e também para suas famílias. Mais uma vez, milhares de pessoas vieram para Amazônia, principalmente os nordestinos para fugir da seca. Com isso foi a grande chance do governo resolver três problemas de uma só vez, o primeiro, cumprir seu acordo com Estados Unidos em produzir borracha suficiente para sua economia; o segundo, fazer com que muitas pessoas fossem para Amazônia para aumentar a população, pois a região era vista como inabitada pelas autoridades competentes e, por último, proporcionar uma estratégia para o povo do nordeste que estava vivendo uma grande seca e precisava do apoio do governo, que tentava amenizar esse problema. De acordo com o autor:

A solução que o governo de Getúlio Vargas encontrou para isto previa sanar três problemas: produzir borracha suficiente para atender a demanda externa, povoar a Amazônia (que sempre vista, pelos governantes, como um verdadeiro vazio demográfico) e resolver a crise campesina que instalara na região Nordeste em virtude da grave seca. Isso resultou numa forte campanha, empreendida pelo governo federal e denominada “Batalha da Borracha”, que tratou de recrutar milhares de nordestino, sobretudo cearenses, para trabalhar nos seringais amazônicos (OLIVEIRA FILHO, 2011, p.2).

Conforme Sampaio (2007), no início da Segunda Guerra Mundial, o Brasil se aliou a Nações Unidas com objetivo de obter vida, paz e liberdade de todo ser humano em todo mundo. A Alemanha era comandada por Hitler, o homem mais temido da época, pois toda humanidade vivia com medo devido ao grande índice de violência provocado por Hitler e seus aliados, sendo seu principal alvo a expansão territorial e os recursos naturais que os países invadidos possuíam, e, além disso, seu maior objetivo era fazer uma seleção da raça humana, pois para ele, só o povo Alemão era superior e o restante da população, inferior. Por esse motivo, muitas pessoas inocentes foram mortas, entre elas os judeus, crianças, idosos e

homossexuais, através de torturas, fuzilamentos, gás e etc. Os jovens, que eram mais fortes, foram mandados para o campo de concentração, onde os mesmo eram forçados a trabalhar até suas forças esgotarem e não aguentarem, assim causando sua morte.

Com o aumento de tanta violência e a morte de muitas pessoas, a humanidade estava apavorada. O Brasil no governo de Getúlio Vargas estava indeciso, porém houve um acontecimento muito revoltante, quando o exército de Hitler provocou vários afundamentos de navios causando a morte de vários brasileiros. Esse ocorrido foi o estopim do governo, ou seja, o mesmo “saiu de cima do muro”, tomou a decisão de se unir aos Estados Unidos e lutar contra Alemanha. Havia um grande interesse de ambas partes, as duas tinham uma visão ampla do quanto o Brasil possuía um vasto território e uma ótima posição estratégica. Na realidade, quando o Brasil firmou seu acordo com Estados Unidos, o governo realizou grande mobilização com as Forças Armadas Brasileiras, os reservistas foram recrutados a lutar, e, vários homens, de todas idades, se ofereceram para se alistar nos quartéis e lutar como voluntários para defenderem sua amada pátria. Com essa união, se formou um grande exército para lutar com o inimigo e defender a democracia e a liberdade de viver.

Com acontecimento ocorrido, surgiu A necessidade de se concretizar a chamada “A aliança”, sendo que o Japão se tornou o eixo da Alemanha, ficando bem fortes e poderosos, os mais bem armados daquele momento, e, com toda essa estrutura, invadiram rapidamente a Malásia. No auge dessa guerra, era a principal fornecedor de borracha para Nações Unidas, porém, ao ser derrotado, ficou sob domínio Japonês e teve que romper todo tipo de relação comercial desse produto. Com a quebra de contrato, as Nações Unidas ficaram em estado delicado, pois nesse período a borracha era o produto mais utilizado na fabricação de pneus para manter o exército ativo no combate na guerra, não havendo nessa época tecnologia avançada como atualmente, a borracha era produto primordial para a guerra.

Com a falta desse produto começou a surgir várias dificuldades, sendo uma delas a paralisação da guerra e a outra seria uma guerra sem segurança e com isso não iam conseguir a vitória tão desejada. No decorrer desses vários problemas, um principal foi a falta de abastecimento nos carros que eram realizam atendimentos médico de maior urgência, bem como, a falta de alimentação e de munição para as tropas continuarem a praticar suas ações de combate contra o inimigo.

Conforme Secreto, muito antes do ano de 1942, quando houve o acordo do Brasil com Estados Unidos em fornecer o látex com a demanda suficiente que necessitavam, em decorrência da Segunda Guerra, Getúlio Vargas, presidente do Brasil, já havia feito vários discursos em relação à Amazônia, nas regiões brasileiras e com maior frequência no Nordeste, uma região muita seca de povo sofrido. Mas, o principal objetivo dele não era ser solidário com as pessoas que sofriam neste local e sim buscar soluções para seus problemas, pois a Amazônia era vista como um território vazio. A intenção do mesmo era criar programa de “sedentarização e internalização”, que propõe ao indivíduo deixar de estar migrando para várias regiões em busca de melhores condições de vida e se fixar em um determinado local, e também deixar seus hábitos e valores e se agregar a nova cultura da região. Esse era o intuito de Getúlio, povoar a Amazônia. Houve recrutamento de soldados para trabalharem na Amazônia, e os mesmos iam com intenção de estar inseridos em um programa e colonizar as terras, onde todos tinham direitos legais de sua proteção. Para o governo, a Amazônia era “inabitada”, mas na verdade essas famílias eram apenas mais uma vez exploradas por patrões da região que necessitavam de mãos-de-obra barata.

No ano de 1942, quando foi assinado o acordo de Washington, nesse mesmo período, a seca foi imensa, principalmente no nordeste, dois fatores que só favoreceram o objetivo do governo, pois, ao mesmo tempo que cumpria seu acordo com Estados Unidos, também conseguia sanar o seu maior problema que era povoar a Amazônia. Com isso foi necessário recrutar muitos homens para trabalhar nos seringais e atender a demanda exigida pelo governo. Com esse acontecimento o plano sedenterização e colonização idealizada por Getúlio, que vinha sendo articulado por vários anos, foi exterminado, mas a seca ocasionou uma grande oferta de mão-de-obra barata.

Com a aliança dos Estados Unidos e União Soviética para enfrentarem Alemanha, foi interrompida a demanda da borracha que era fornecida pelos japoneses, por esse motivo foi culminada uma estratégia política econômica para não deixar faltar o produto que mais estavam precisando naquele momento. O Brasil, através de Getúlio Vargas, se uniu aos Estados Unidos, assinando acordo de fornecer matéria-prima suficiente para suprir a grande demanda que precisavam. “Em março de 1942 o Brasil assinou em Washington uma série acordos sobre matérias-primas estratégicas, entre as quais a borracha” (SECRETO, 2007, p.61).

A história da extração, já conhecida em visão panorâmica, pois, vem acontecendo desde final do século XIX e se tornou um produto de grande exportação, tudo em decorrência do aumento excessivo de veículos no período que ocorreu a Revolução Industrial.

A seringueira é uma árvore de origem Amazônica da qual se extrai um leite denominado de látex, com oferta grande desse produto, no entanto, possuía outros problemas que culminavam na pouca produção, e, o caso da mão-de-obra que não insuficiente para atender a necessidade da procura do produto. Com o fator que proporcionava dificuldade no fornecimento da borracha, o inglês Henry Wickman, no ano de 1876, veio até Amazônia e contrabandeou várias mudas de *Hevea brasilienses* para o Sudeste Asiático, plantadas e aclimatizada na região. O látex é produzido em duas fases: a primeira é através do desenvolvimento dentro da própria região de origem, que foi um produto de solução imediata para oferta, com o preço bastante elevado. Já na segunda fase, o produto era mais sofisticado, com cuidados de profissionais especializados e possuía padrões organizados para ser inserido no comércio, mas seu preço era muito inferior ao da borracha natural da Amazônia.

Ainda entre a Primeira e Segunda Guerra Mundial, Henry Ford idealizou um plano de produzir borracha de qualidade na região Amazônica com um preço menor do que o de Henry Wickman, atendendo a demanda que suas indústrias precisavam, contudo, antes dele se instalar na Amazônia, o mesmo fez uma tentativa de aclimatizar a seringueira na região do Ceilão, Malásia e Java. Ford não queria mais depender dos produtos ofertados pelos ingleses e japoneses e viu que o plano de Wickman tinha dado certo, então, pensava em tentar fazer uma plantação de seringueira na própria região de origem. Com base nessa ideia, Ford veio ao Brasil em busca de terras para implantar seu grande projeto.

Foi imenso o empreendimento de Ford na Amazônia. No final de 1920, o governo do Pará forneceu milhões de hectares de terras as margens do Rio Tapajós, e, anos depois, foi concedida área do mesmo tamanho localizada próxima a foz do Tapajós, batizada pelo nome de Fordlândia, a primeira área de terra e a segunda Belterra. Depois de toda implantação da Companhia Ford Industrial, já com 1 milhão de seringueiras plantadas, obtinha êxito em seu plano, mas ainda era o início e poderia acontecer muitas coisas. Vários técnicos, tanto brasileiros quanto norte-americanos, desenvolveram técnicas que combatessem com a praga chamada mal-das-folhas. Não houve resultados, pois o estrago foi grande e com essa

grande decepção Ford se retirou do Brasil no ano de 1946, cedendo toda a plantação ao governo por um preço de 250 mil dólares, dinheiro que a empresa tinha que pagar os direitos dos trabalhadores, sendo que as plantações custaram na média uns 20 milhões de dólares.

A propaganda Varguista tinha como objetivo levar vários trabalhadores para trabalharem na extração do látex na Amazônia, tinha duas proporções, uma era nacional que visava povoar a Amazônia e a outra era local que era a emigração de nordestinos com intuito de fugir da seca. A propaganda foi um meio de comunicação bastante usado para recrutar vários homens para trabalhar na extração do látex na região Amazônica, com a confecção de vários materiais diferenciados, mas todos com mesmo objetivo. A intenção dessas propagandas era de influenciar o psicológico desses trabalhadores que tinham vida sofrida e estavam em busca de melhores condições, para isso os responsáveis pelas propagandas usaram várias informações utópicas, pois os mesmos sabiam o anseio de todos os trabalhadores.

Desde os anos de 1940, o governo tentava fazer com que os nordestinos emigrassem para os seringais, mas com o passar de dois anos os resultados obtidos pelo governo não era o desejado, era necessária uma melhor organização. Então, elaborou um novo plano de explorar e colonizar todo vale amazônico, visava, primordialmente, extrair o látex com mão-de-obra local e disponibilizar conforto para as pessoas das cidades grandes do Nordeste, onde estavam alojadas muitas pessoas devido à seca, buscando melhores condições de vida.

Nesse plano foi elaborado três fatores que chamaria atenção dos trabalhadores, a seleção, transporte e localização. Primeiramente, evitava que fossem pessoas despreparadas, pois só eram selecionados homens fortes que aguentavam o trabalho pesado. Depois que era a grande oferta de transportes de qualidade, e, por isso, muitos ficavam atraídos por esse benefício que lhes era oferecido. Nesse novo plano, o governo reformulou novamente o contrato, sendo foi estabelecido que seria entre seringalista e seringueiro o estabelecendo de uma política consumista e que todo o látex retirado pelos seringueiros teria que ser entregue ao patrão, assim nunca conseguiriam libertar-se do patrão.

Com a criação dos órgãos de recrutamento, como afirma Secreto (2007) “o SEMTA encarrega-se de recrutar e levar até Belém; a partir dali, a SAVA colocava o trabalhador nos seringais e se encarregava, com a RDC, de fornecer gêneros

essenciais diretamente aos seringalistas, evitando os intermediários, que não tardaram a se queixar.”

Desde quando os trabalhadores foram conduzidos até ao seringal, por meio de contrato, os mesmos optaram pelo amparo que era ofertado pelo SEMTA às suas famílias que ficavam no Nordeste. Mesmo distante, as mulheres escreviam cartas para seus esposos e contavam todos os fatos que estavam acontecendo, inclusive os desrespeitos cometidos com elas e, em 1944, as mesmas tiveram que pedir ajuda ao presidente do Brasil, Getúlio Vargas, clamando por justiça. Com o grande índice de queixas no início da extração do látex, não podiam cometer os erros anteriores. Para diminuir esses fatos veio a ideia de refazer o contrato: “o de encaminhamento, que trazia anexadas as cláusulas gerais do contrato-padrão de trabalho nos seringais” (SECRETO, 2007, p.93). A primeira cláusula do contrato dizia que o órgão de recrutamento tinha como obrigação conduzir os seringueiros até o seringal e fornecer o apoio necessário que precisavam, entre os quais estavam relacionados o auxílio médico, em transporte, alimentação, vestimenta, até sua chegada em seu determinado local de trabalho.

No que se referia o apoio à família, era fornecido dois cruzeiros por dia a cada integrante da família que alternasse pelo SEMTA. Esse contrato era mantido pelo tempo que seringueiro permanecesse no seringal. Na segunda cláusula para retirar o mais rápido possível o látex, era de extrema exigência que os seringalistas fornecessem aos seringueiros o local onde iam trabalhar totalmente limpo, e, também lhe fornecer todos os produtos necessários para seu consumo e trabalho, sendo que, tudo que era consumido era anotado em um caderno para prestação de conta quando extraísse o produto. Nesse contrato o seringueiro trabalhava seis dias por semana e todo produto extraído era entregue ao seringalista e os mesmos podiam caçar e cultivar para suas plantações de subsistência.

Todo esse auxílio existente nos contratos só era executado no papel, na realidade, a vivência dos seringueiros era totalmente diferente, pois de onde era extraída a borracha era muito longe e de difícil acesso e, por esse motivo não havia fiscalização. “Um contrato para o inglês ver, ou neste caso, para o norte americano ver. Uma vez que o trabalhador ingressava no seringal, era impossível fiscalizar.” (SECRETO, 2007, p 94). Os soldados da borracha não utilizavam armas e nem estavam lutavam na guerra, mas estavam dando sua parcela de contribuição ao irem para Amazônia trabalhar na extração do látex. Muitos foram devido à grande

seca em busca de melhorias para sua família mas, também com convicção de que de oferecer o apoio que pudessem para combater o inimigo e conseguir vitória que era o mais desejado por todos.

De acordo com Guillen (1997) quando ocorreu a assinatura dos Acordos de Washington, deu-se início à propaganda que levava muitas pessoas a migrarem de sua região para a Amazônia na procura de melhorias financeiras com a extração da borracha. Todos esses trabalhadores que migraram de sua região para Amazônia, através das propagandas de Vargas, ficaram conhecidos até hoje como soldados da borracha. Eram vistos com distinção, apesar de terem sido eles que contribuíram para aniquilar a guerra. Como o governo possuía a visão de obter controle sobre todos que trabalhavam nos seringais, criou vários órgãos que teriam controle constante sobre os seringueiros.

Logo após todos esses órgãos serem fixados, foi divulgado em jornais e rádios de todo nordeste, que todos os que trabalhavam no seringal teriam que assinar um contrato, o qual estabelecia sobre, desde os alimentos fornecidos e também a jornada de trabalho. Porém esse contrato só existia no papel, na realidade era tudo diferente. Em relação à jornada de trabalho, quem determinava eram os seringalistas no seringal, pelo meio que era processado o látex. Após ser colhido não poderia ser deixado para defumar no outro dia, todo processamento deveria ser realizado logo ao chegar dos seringais e isso constituía uma jornada de trabalho em torno de doze horas por dia. Segunda autora:

Pode-se entender a política de migração de nordestinos para a Amazônia, durante o Estado Novo, como uma estratégia política para aliviar as tensões sociais no campo, simplesmente deslocando o problema para outro lugar, onde os conflitos sociais poderiam ser abafados mais facilmente. Por outro lado, supria-se de mão-de-obra barata um setor da economia que estava em crise. Contudo as autoridades governamentais preocupavam-se em apresentar o problema como constituinte de um plano global de colonização da Amazônia, um programa de desenvolvimento da região, no contexto de economia de guerra e de crise da produção da borracha. (GUILLEN, 2002, p. 73.).

Como afirmou Guillen (2002) toda propaganda realizada pelo Estado Novo, contudo, efetuava discurso para os migrantes dizendo que estariam protegidos pelo governo, pois era prometido a eles que não seriam apenas migrantes, sim Soldados da Borracha e que poderiam retomar suas vidas em uma região, na qual era previsto por autoridades governamentais, com um futuro com muito progresso social e econômico.

2.2 A BUSCA POR LATÉX NATIVO NO ALTO TAPAJÓS

Segundo Franco (1998) os seringais nativos do Tapajós, era localizado acima das cachoeiras que existem no rio Tapajós e, para chegar a essas determinadas localidades havia vários obstáculos que dificultam até hoje a chegada nesse local, mesmo sendo as embarcações de hoje modernas, tendo mais facilidade para subir as cachoeiras. Entre as embarcações do período da extração da borracha a mais utilizada era as igarités, pequenos barcos feitos da madeira itauba, que navegavam através de vários movimentos de remos realizados por homens que já tinham bastante experiência nesse serviço.

Nas igarités eram levados as mercadorias e os seringueiros para trabalharem nos seringais. Era uma viagem muito difícil e perigosa pois, era realizada com mais frequência no período do inverno, quando o rio enche e a queda da água é menor. Em quase toda a viagem, vários insetos picavam os seringueiros, o que existe até hoje, mas todas essas dificuldades para eles eram naturais. Essas viagens demoravam de dois a três meses para que chegassem nos barracões onde a látex extraído era deixado pelos seringueiros. Enormes bolas da borracha extraída pelos seringueiros, ficaram conhecidas como “pele”, pois cada dia essa bola recebia uma nova cobertura de borracha que aumentava. Essa pele variava a quantidade de quilo, como afirma Franco:

Embora essa borracha recebida dos seringueiros tivesse a forma de grandes bolas maciças, eram chamadas de “peles”, devido ao método de sua fabricação pois cada dia uma nova camada de látex era acrescentada sobre a do dia anterior como se fora uma “pele” nova (FRANCO, 1998, p. 23).

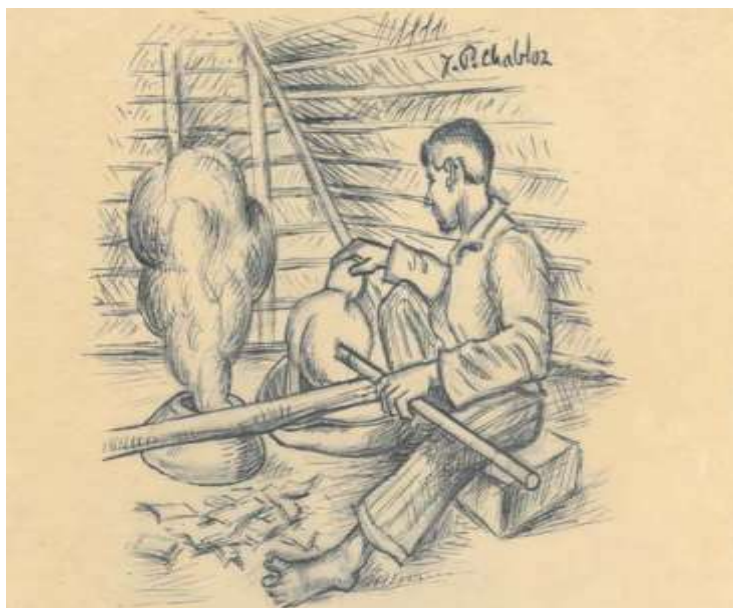


Figura 3 – Desenho de Jean Pierre Chabloz, de 1943, mostra seringueiro produzindo as bolas de borracha. Fonte: Ricardo Bueno (2012).

Para não haver conflitos entre trabalhadores e patrões, havia ainda possuía um sistema de segurança, realizado todos os dias quando os seringueiros chegavam à tarde dos seringais. A cada dia a bola de látex recebia uma nova pele e essa pele era marcada com ferro que identificava o dono com as iniciais de seu nome. Esse sistema era feito para evitar contenda e evitar algum imprevisto que ocorresse na viagem, pois sempre acontecia naufrágio devido à correnteza ser muito forte.

Mesmo com toda dificuldade encontrada pelos seringueiros com a viagem perigosa e cansativa para chegarem até os seringais, valia a pena, pois a borracha tinha um bom no mercado, mesmo que muitas vezes, a maioria dos seringueiros fosse trapaceados pelos patrões, mesmo assim cada um conseguia obter seu lucro. Eram homens corajosos e trabalhadores em busca de melhores condições financeiras, porém muitos foram mortos por doenças como malária. Tinham que enfrentar os índios, tendo que trilhar caminhos ainda no escuro para obter o grandioso látex e deixar nos barracões em troca de utensílios para consumo, pois os patrões mandavam tudo que precisavam mais tinha que oferecer suas trabalhosas colheitas.

No seringal nativo havia uma estrada que era conhecida como “estrada de seringueira, constando, geralmente, de 80 a 120 árvores ligadas entre si por uma estreita vereda ou caminho aberto na floresta, por onde caminhavam de uma árvore a outra” (FRANCO, 1998, p 25). Esse processo era necessário para ter melhor

trajeto entre elas, o que era realizado duas vezes por dia, o primeiro era logo antes do amanhecer, quando se fazia vários cortes no tronco das seringueiras e, mais tarde, o recolhimento de todo o látex dedentro das vasilhas que eram postas nas árvores”.

Depois de todo recolhimento desse produto, esse era colocado em um balde de zinco e levado para os barracos, quando se iniciava o processo de defumação. O látex era extraído de forma bastante agressiva. Para realização desse trabalho era necessário que os seringueiros fizessem vários cortes com a machadinha causando vários golpes nas árvores, o que causava prejuízo nos troncos.



Figura 4 – imagem de uma machadinha, objeto utilizado para fazer corte na seringueira. Fonte: Silva, (2017).

Quando as árvores eram cortadas por várias vezes, o tronco se enchia de nós e com isso o rendimento da borracha diminuía, sendo que foi um desses motivos que fizeram com que os ingleses aumentassem sua produção, pois além de levarem as sementes da seringueira da Amazônia sem permissão, os mesmos trabalhavam com técnicas inovadoras, tanto na produção do látex quanto na extração do mesmo, o que alavancou sua produtividade e fez com que o preço da borracha nativa caísse, havendo grande desinteresse por parte do mercado consumidor e, assim teve o declínio na extração do látex da Amazônia.

Todas as vezes que as igarités subiam o rio Tapajós para deixar mercadoria nos barracões a volta era melhor, no entanto, muito perigosa, pois, além da correnteza, o rio é cheio de curvas de , muitas pedras e há o fenômeno denominado por “funis”, cratera que aumenta até um determinado ponto, sugando para seu interior tudo aquilo que fica ao seu alcance, ao atingir certo diâmetro e profundidade,

“explode” com grande estrondo, atirando para alto um grande rebojo com tudo aquilo que foi capturado, sendo causa de várias mortes, mas mesmo assim, as embarcações desciam com várias toneladas de borracha, havendo mais dificuldade no controle da embarcação, ocorrendo muitos naufrágios.

A violência era bastante frequente no alto Tapajós no período que ocorreu no auge da extração da borracha. Além de todos os obstáculos enfrentados pelos seringueiros, a maioria dos patrões trapaceavam o quanto podia, mas, os seringueiros, mesmo assim, não se davam por vencidos e, como naquela época não existiam autoridades que constituíssem leis, então o que se sobressaia era a “lei do mais forte”, o que mandava era o “famoso papo amarelo” que é o rifle winchester 44. Quem tinha um desses era respeitado e não havia trapaça pelos donos dos seringais. Enquanto muitos possuíam esse objeto, outros que eram bastante pobres, trabalhador mais trapaceado pelos seringalistas, não tinha condição de comprar um para seu uso, tendo que improvisar utilizando espingarda que recarregável pelo cano,

Contudo, que acontecia dentro do seringal, principalmente a desonestidade de muitos chefes de seringal, ainda existia aqueles que eram honestos, tanto o patrão quanto os trabalhadores, assim evitando confrontos, haja vista que existiam seringueiros que queriam obter lucro a qualquer custo, pois entre alguns, ao fazerem as “peles” de borracha, colocavam dentro dos mesmos pedaços de pedras e barro para aumentar o peso, conseguindo aumentar seu lucro. Dentre todas as diversidades existentes na realidade, meu avô Diogo, era um homem bom e honesto, e, conforme todas as histórias que contavam a seu respeito, nunca houve relatos de violência e agressão, apesar de na época, a borracha era comparada com o ouro, o lucro era altíssimo, principalmente, para os donos dos barracões.

Os seringueiros que subiam o Alto Tapajós para trabalhar nos seringais eram muitos corajosos e lhes eram concebidos todo apoio financeiro dos seringalistas, pois o investimento feito em cada um iniciava desde momento que eram transportados ao seringal. [...] “tudo lhe era fornecido antecipadamente e antes que comessem a produzir, passavam-se muitos meses, durante as quais eles apenas davam despesas” (FRANCO, 1998, p.29). Todo equipamento necessário era ofertado os seringueiros, e, antes mesmo de chegarem ao trabalho, já havia despesa, sendo que os patrões faziam vasto investimento para se tornar mais propício fazer com que os seringueiros ficassem com um índice muito alto de débito

com eles, para depois de pagar toda dívida anterior, já fazer novas dívidas, pois sempre necessitavam de novos mantimentos. Os que trabalhavam mais davam sempre um jeito de pagar logo suas dívidas com o patrão, porém o senhor dos seringais vinha proporcionando produtos que os seringueiros desejavam consumir, e com isso não conseguiam conter suas vontades, renovando dívidas com preços absurdos, o que culminava em escravidão por débito.

Quando o precioso látex amazônico perdeu seu real valor ao do Sudeste Asiático, elevou seus preços, o que foi um grande desespero para todos os seringalistas, que eram ricos e, com esse acontecimento no Sudeste Asiático, do dia para noite, todos ficaram pobres, com um vasto estoque de borracha que não tinha nenhum valor. Com esse fato ocorrido, tanto os seringalistas quanto os seringueiros, tiveram que buscar outros meios para sua sobrevivência. Com o fim de toda comercialização do látex, as viagens ao Alto Tapajós foram canceladas e os seringais ficaram inabitados pelos seringueiros. Muitos partiram para outras localidades vizinhas, enquanto outros permaneceram no local e começaram a praticar a agricultura para sua subsistência. Com o fim do comércio da borracha cessaram as viagens para o Alto Tapajós. Os seringais foram abandonados e os seringueiros dispersaram-se. Pouquíssimos ficaram por lá plantando pequenas roças para subsistirem (FRANCO, 1998, p.30).

Mesmo com todo esse acontecimento, ainda existia esperança de que de uma hora para outra tudo voltaria a ser como era no período do auge da extração da borracha e, assim todos teriam suas vidas como era.

2.3 SOLDADOS DA BORRACHA

Conforme Sampaio (2007) na busca de paz e liberdade, o soldado da borracha foi um dos principais guerreiros no período da Segunda Guerra Mundial. Os mesmos enfrentaram muitas dificuldades e sofrimento na Amazônia, mas mesmo sendo grande heróis não são reconhecidos pelo o que fizeram, tanto pelo poder público quanto pelos brasileiros. Para atender a grande demanda que o governo precisava, era necessário muita coragem e determinação, pois além de deixar sua família distante, eram obrigados a enfrentar perigos da floresta.

No tempo que ocorreu a extração do látex, muitos seringueiro morreram, mas aqueles que enfrentaram o grande desafio de trabalhar como soldados da borracha

e vencer as doenças e todos os obstáculos enfrentados, nunca serão esquecidos, Ressaltando-se que mesmo trabalhando em uma floresta desconhecida, onde havia muitos animais ferozes e índios selvagens, além das várias doenças tropicais que era bem frequente, causadas por picadas de mosquitos, o principal objetivo era manter o acordo feito pelo governo. “Para nós *soldados da borracha*, cumprir com compromisso assumido pelo governo estava acima de qualquer coisa. O que importava era suprir a falta da borracha para conseguir a vitória final”. (SAMPAIO, 2007, p.45). Foi mandado para Amazônia uma base de noventa mil seringueiro, divididos em vários grupos com mais de cento e vinte homens para trabalhar na extração da preciosa borracha.

A primeira vez que soldados da borracha chegaram na Amazônia construíram barracos feitos de galhos de árvore, cobertos de palha para se abrigarem. Nesses barracos foram feitos girais para guardar seus alimentos e os objetos pessoais. No calar da noite, todos se reuniram para planejar a forma que iriam trabalhar no dia seguinte, elaborando estratégia para se protegerem dos animais e dos índios selvagens. Com toda essa preocupação era necessário que alguns homens do grupo ficassem postos a vigiar o barraco, enquanto os outros dormiam, assim, os mesmos se revezavam para garantirem sua proteção.

Contudo, vários seringueiros foram mortos pelos indígenas que também elaboravam estratégias para defenderem seu território. Uma delas foi quando vários índios se esconderam atrás de árvores e flecharam os seringueiros com flechas envenenadas. Os índios era a maior dificuldade encontrada pelos seringueiros, pois, os indígenas eram nativos da região e conheciam toda a área onde estava sendo extraído o látex, sendo uma grande desvantagem para os soldados.

Muitas vezes, foram amedrontados pelos nativos, em um determinado dia ao chegarem aos seus barracos de mais um exaltante dia de trabalho se depararam com vasta destruição de todos os barracos e alimentos que tinham. Com esse fato ocorrido, os seringueiros não dormiram nessa noite, tendo que reconstruir todos os barracos e reforçar a segurança do local. Nessa época não existia meio de comunicação portátil, para saber dos noticiários ocorridos no mundo, nem sabiam o que estava acontecendo na guerra, muito menos notícias de seus familiares. O único meio de comunicação existente para eles era quando o capataz levava produtos alimentícios e buscava a produção de látex extraída pelos seringueiros. Na floresta a única notícia que os soldados sabiam é que era necessário produzir muita

extração do látex, o principal alvo dos seringueiros para contribuir com a paz e liberdade da nação brasileira.

Com tudo que acontecia dentro da floresta muitos pensavam em desistir e abandonar tudo, ao mesmo tempo lembravam-se de suas famílias que precisavam ter paz, isso era o grande incentivo que os mantinha enfrentando todos os problemas existente na floresta, pois cada um tinha a missão de buscar esperança e defesa para seus filhos e esposa, pois, o intuito dessa luta era em busca de uma vida democrática e o respeito igual a todos, um futuro melhor. No entanto, chegou um momento que toda essa tristeza e luta teve um ponto final, quando souberam através do capataz que Alemanha tinha sido derrotada e a guerra teria acabado. Nesse dia se pode saber que tudo que os soldados tinham feito foi um ato de amor pela pátria. Foi um momento de muita alegria para todos os soldados que conseguiram vencer essa grande luta, cientes que cada um compartilhou com a grande vitória. “Foi com alívio que recebemos a notícia de encerrar nossas atividades e retornar à vida” (SAMPAIO, 2007, p. 79).

No período em que houve a extração do látex, foi enviado pelo governo para Amazônia a base de 90 mil soldados da borracha para trabalhar nos seringais, sendo que menos da metade voltaram para casa. Os que conseguiram voltar estavam extremamente debilitados sem nenhuma condição financeira e não tinham ninguém para ajudá-los, pois, os patrões e o poder público abandonaram todos esses guerreiros que enfrentaram tantas dificuldades para contribuir com paz e liberdade do mundo. Os que sobreviveram, hoje se encontram com a idade entre 65 a 75 anos, homens corajosos e com vida sofrida, alguns tendo que conviver com doenças que adquiriram na floresta amazônica enquanto extraíam a borracha. Mesmo com toda coragem e determinação que tiveram os soldados da borracha para ajudarem acabar definitivamente com a segunda guerra mundial, os mesmos nunca foram reconhecidos pelo que fizeram e, alguns foram ressarcidos dos seus direitos, mas não como mereciam.

Tudo que os soldados puderam fazer foi feito, sendo que, atualmente, muitos usufruem de regalias que só foram alcançadas devido a muito esforço dos soldados da borracha, nem procurando saber que só conseguiram obter vitória através de muitas vidas que se foram e jamais voltarão. Os soldados deveriam ser reconhecidos não somente pelo governo brasileiro, mas sim pelas Nações Unidas, pois eles lutaram e contribuíram para atribuir a paz e liberdade não só no Brasil, mas

sim no mundo inteiro. Depois de cinquenta anos passados da Segunda Guerra Mundial, Houve um discurso no Congresso Nacional que relatava a reforma da Constituição Brasileira, na qual somente um deputado se dispôs a ouvir relato de um soldado da borracha, contando tudo que tinha vivido dentro da Amazônia, para ajudar o governo brasileiro a fornecer borracha suficiente para atender a demanda dos Estados Unidos, quando ouviu toda a História o mesmo concluiu que o sofrimento dos soldados foi muito grande. Como afirma o autor:

O deputado ouviu atentamente a História do soldado da borracha, que narrou em linhas gerais, todo seu sofrimento, bem como de seus companheiros, na floresta amazônica durante a Segunda Grande Guerra Mundial (SAMPAIO, 2007, p. 88).

Com o passar do tempo e o desenrolar dessa História, o deputado intercedeu no Congresso Nacional para que fosse pago aos soldados da borracha uma pensão de dois salários mínimos. Não era o que esperavam, mas pelos menos foi um ponto inicial para serem reconhecidos. No entanto, este mesmo governo, através do INSS baixou uma portaria e uma Ordem de Serviço Interno, impedindo que lhes fosse pago o décimo terceiro salário. Uma vez, os soldados não recuaram e procuraram saber o porquê dessa decisão, porém não houve nem um tipo de explicação a esse fato lamentável.

A espera pela resposta durou meses e, quando foi dada, o INSS apresentou uma resposta muito frustrante “solicitando a Lei Nº. 7.986 e a Portaria de Nº. 4.630, além dessa lei ainda informaram que a Ordem de Serviço Interna, proibiu o pagamento, assinado por uma secretária” (SAMPAIO, 2007). Os soldados da borracha procuraram a Justiça Federal para obter alguma resposta e deram entrada em uma Ação pedindo o pagamento do décimo salário. A mesma foi protocolada no dia 30/04/1999 e ao se passar muitos anos, os soldados voltaram novamente à Justiça Federal em busca de informações, no entanto, a moça lhe respondeu que esses processos demoram muitos anos para serem atendidos. Mas afinal quando será que os soldados serão ressarcidos de seus direitos? Ou será que esses soldados da borracha ainda estarão vivos quando esse processo for resolvido. Infelizmente saiu o resultado do processo e, com muita tristeza que os soldados da borracha receberam a notícia de que tinha sido negado pelo juiz o que mais desejavam. Mas, como sempre, tiveram coragem e determinação, esperando que

um dia essa classe seja reconhecida, mas temem que quando isso acontecer já não estejam mais vivos.

Vale ressaltar, que outros homens que contribuíram na guerra como, por exemplo, os ex-combatentes que ainda hoje é ofertada uma aposentadoria para ajudar na sua sobrevivência. Diferente apoio aos soldados da borracha que também deram sua contribuição, conquista a base de derramamento de sangue e muitas mortes de pessoas inocentes que viviam embreados dentro da Amazônia. Nunca houve relatos do poder público ou outro órgão que se interessasse em saber de toda História desses heróis, para tentar ajudar na conquista do seu espaço, doseu reconhecimento na sociedade e, principalmente, conseguir valer seus direitos que nunca conseguiram obter. “Na verdade, o soldado da borracha sempre foi discriminado e relegado ao esquecimento” (SAMPAIO, 2007, p. 97).

Conforme Bueno (2012), ao chegarem na Amazônia, os trabalhadores pensavam que iriam ganhar muito dinheiro extraíndo látex na mata amazônica, a maioria era oriunda do Nordeste, tentando escapar da grande estiagem. Os mesmos tinham o dever de adquirir produtos, tanto para utilização da extração do látex, quanto outros para a higiene e alimentação, para ser consumido na floresta enquanto aprendessem a procurar seu próprio alimento. Nesse período, havia dois tipos de patrões, um era o seringueiro que era o patrão geral e que estabelecia toda comercialização e, o outro, era chamado de aviador, a qual comandava todo que se produzia de perto negociava os quilos de borracha com os seringueiros com outros produtos que lhe concedesse um conforto a mais do que a vida que levavam. Com isso a dívida só aumentava e muitos não conseguiam se tornar livre dos débitos existentes entre ele e o patrão.

Quando foi realizado o acordo, em 1942, em Washington, ocasionou uma revolução na política do Brasil, pois com a grande demanda que era necessária, quem controlava a maior economia do látex era o Japão, no entanto, se agregou com a Alemanha e excluiu o acordo que tinha afirmado de fornecer borracha aos Estados Unidos. Com a grande aclimatização realizada no Sudeste Asiático com as sementes que foram levadas do Brasil, e assim diminuindo o valor comercial da borracha, com houve declínio do ciclo que era desenvolvido no Brasil e toda essa produção ficou localizada nos países do Eixo. Foi através desse acordo que Getúlio Vargas sendo presidente do Brasil, tomou a iniciativa de recrutar pessoas que necessitavam trabalhar, e por esse motivo, a maior propaganda

Varguista, mais idealizada, foi no Nordeste, por possuir mão-de-obra, com isso haveria grande fluxo de homens que tinha interesse de sair do sofrimento ocasionado pela seca.

Todos os seringueiros estavam expostos a vários perigos dentro de uma imensa floresta, além de animais ferozes ainda tinham que lidar com doenças tropicais. O seringueiro era visto como um qualquer que não tinha nenhum valor dentro da sociedade, porém sabe-se que ele foi grande herói tendo contribuído em maior parte de toda economia brasileira no período da extração da borracha na Amazônia. Dentro do setor econômico ele era posto de forma a ser apenas um escravo. Como afirma Bueno:

Isto porque ele não tinha alternativa a não ser comprar os suprimentos necessários, a preço altíssimo, no armazém mantido pelo seringalista, e por isso estava sempre em débito na contabilidade e endividado, não conseguindo escapar da exploração do patrão. Aqueles que tentavam fugir de seus débitos eram remetidos de volta aos seringais, capturados em Belém ou Manaus (BUENO, 2012, p.41).

Antes de o seringueiro iniciar a extração do látex, era necessário procurar várias seringueiras e depois eram feitas estradas para se interligarem. Todo esse processo requeria alguns meses, caminhos realizados pelos trabalhadores que só deviam ser feitos com média de 60 a 150 árvores, sendo o necessário que cada um desse conseguisse colher todo material das seringueiras. Com o passar do tempo, o meio como se extraia a borracha foi se modificando, ou seja, ao invés de fazer vários cortes e descer o líquido até no pé da árvore, surgiu nova técnica de colocar vasilha em cada corte.

Foi estabelecido um meio de fiscalização no trabalho realizado pelos seringueiros, com documento que literalmente era mais um meio de manter o trabalhador em trabalho abusivo, o conhecido contrato de modo que só garantia melhor aproveitamento ao governo. Porém, o mesmo determinava algumas obrigações por parte do governo, como levar os trabalhadores até aos seringais. De outro lado, os trabalhadores selavam compromisso com o trabalho que seria efetuado no seringal. O que mais preocupava o governo era saber que tudo que era consumido pelos seringueiros era cobrado um preço absurdo. Como objetivo de minimizar várias situações desagradáveis em relação aos seringueiros, o presidente Getúlio Vargas redigiu que todos os seringueiros recebessem salários por semana ou por quinzena ou podia ser emitido um adiantamento. Com base em Bueno:

Para evitar problemas com o endividamento irreversível dos seringueiros, Vargas determinou que os pagamentos dos trabalhadores deveriam ser feitos semanal ou quinzenalmente, não podendo ser realizados mediante a emissão de vales(BUENO, 2012,p.104).

Os donos das propriedades eram uma espécie de banco, pois se o trabalhador quisesse guardar dinheiro toda vez querecebia, não era cobrado nenhum tipo de acréscimo e devolvido no momento que cada um necessitava, e,todos os fatos ocorridos era registrado em uma ata. Outro fator muito importante que constava no determinado contrato, era a expressiva liberdade de adquirir produtos de qualquer pessoa e não somente do aviador. Porém, este contrato, possuía cláusulas que determinava que o patrão entregasse ao trabalhador que retirava o látex roupa apropriada para o trabalho remédios pois, estavam expostos a qualquer momento adquirir doenças tropicais, bem como, todas matérias que necessitavam para efetuar seu trabalho com eficácia, ainda neste estava incluso o fornecimento de armamentoe cartuchos para os seringueiros caçarem, sendo que tinha por obrigação fazer estradas entre as árvores que seriam exploradas.Na verdade, esse contrato era executado somente no papel,pois a intenção do governo era somente fornecer a matéria-prima para os ingleses.

Como afirma Lima (2013), era comum na sociedade política, a visão de que toda região Amazônica como um espaço vazio e selvagem. Não sabiam eles que desde tempos primitivos a Amazônia já possuía habitantes e que suas culturas e costumes estavam visíveis em todo povo nativo da Amazônia.

2.4 PLANEJAMENTO E CONSTRUÇÃO DE FORDLÂNDIA

Conforme Franco (1998) quando houve o interesse dos Americanos por terras paraenses, primeiramente, veio um senhor qual se chamava Mr. W.L RevesBlakeley, o primeiro a ter posse dessa terra, ao qual o governo do Pará concedeu uma área de 1 milhão de hectares, conhecida pelos moradores como Boa Vista, localizada entre Itaituba Aveiro. O dono da terra tinha como obrigação implantar uma empresa durante dois anos, tendo o direito de obter todos os lucros existentes na área, porém tinha que fazer plantação de seringueiras, pois era produto de interesse da região. Com pouco tempo depois, esse 1 milhão de hectares de terra passou ser legalmente do senhor Dumont Villares e, logo em seguida, a posse da mesma foi de Henry

Ford, que teve direitos legais de explorar todos os recursos existente na terra e o território brasileiro foi alienado.



Figura 5 –Casas de madeira em Fordlândia.Fonte: Ricardo Bueno (2012).

A chegada da companhia Ford na região, ocasionou uma imensa revolução, iniciando a construção de Fordlândia e a migração de multidões para a região, pessoas de toda parte do Brasil. Franco (1998) “afluiu para Boa Vista uma verdadeira multidão de pessoas oriundas de várias partes do Brasil, estabelecendo uma verdadeira Babel”. Foi um verdadeiro reboiço nessa região, onde várias embarcações trafegavam o rio tapajós e tratores trabalhavam dia e a noite, inclusive, sendo construídas usina para gerar energia,várias estradas, também uma ferrovia e, ainda instalaram um tipo de sistema que captasse, tratasse e fizesse a distribuição da água para atender às necessidades existentes na pequena cidade de Ford, até hoje um marco principal que registra todos os fatos que ocorreram em Fordlândia. Na pequena cidade, foi construído um hospital para atender à demanda das pessoas que trabalhavam para companhia Ford, dirigido por médico americano com o auxílio de médico brasileiro, para facilitar o atendimento aos brasileiros.

No ano de 1933 houve uma grande mudança, pois Boa Vista mudaria de nome e passaria a ser chamada de Fordlândia, quando centenas de hectares foram derrubados e queimados para fazer o plantio das seringueiras. No decorrer de todas essas transformações realizadas pela companhia Ford, teve vários conflitos, também muito progresso e aumento de violência e mortes, visto que, nas margens do rio, um pouco afastado de Fordlândia, havia locais que vendiam bebidas e nos finais de

semana a maioria dos trabalhadores iam a esse lugar em busca de sexo e de bebida alcoólica. Em frente à Urucurituba, existia um lugar chamado por nome de pau d'água, por ter um fenômeno meteorológico, porém a Companhia Ford ao chegar nesse determinado local não se conteve e desmatou para poder plantar as seringueiras. Nos seus arredores, nesses terrenos, Ford alugava para os trabalhadores que prestavam serviço para sua companhia, era, construídas casas com quintal para os mesmos criarem animais para seu consumo, por esse motivo houve mudança no nome passando a ser chamado de Vila Franco.

Em Fordlândia continuava o trabalho realizado pela Companhia. Foram plantadas milhões de seringueiras, porém, nesse mesmo período, começou a surgir vários problemas na plantação. Houve um grande desastre, as seringueiras foram infestadas por muitos lagartos, causando grande destruição, além de tudo isso o seringal foi devastado pelo “mal das folhas”, ocasionado por fungo e, cada dia só aumentava a infestação, pois a Companhia Ford não tinha pessoas qualificadas para analisar a situação que estava acontecendo e amenizar essa situação.

No ano de 1935 e 1936, a Companhia estava arrasada com o desastre ocorrido e não tinha conseguido conter a infestação da praga. Surgiu a iniciativa de refazer um novo plantio em outra área de terra, ao sul de Santarém refazer um novo projeto buscando concertar todos os erros cometidos no projeto anterior, entre eles, buscar orientação de um profissional que possuía conhecimento de agronomia para essa nova área, diferenciada da área de Fordlândia, pois o clima era bastante favorável ao plantio de seringueiras. Com investimento realizado, nessa nova área a mesma foi batizada como Belterra. Com afirma o autor:

Sempre arredia aos técnicos nacionais companhia procurou preparar seus próprios elementos iniciando então um trabalho muito sério, visando criar variedades de seringueiras resistentes ao “mal das folhas” e com alta produtividade (FRANCO, 1998, p.88).

Como o grande prejuízo mencionado, a Companhia buscou a ajuda de pessoas brasileiras que tinham conhecimento em plantação para sanar o problema e acabar de vez com a praga e para que crescesse a produção. Todos os recursos foram buscados pela Companhia, porém, não conseguiram obter sucesso em seu projeto. Foi somente no ano de 1945/46 que Ford decidiu que todos os trabalhos e investimentos realizados nessas duas cidades do Tapajós seriam encerrados, pois

não obtiveram lucro com esse imenso investimento foi feito pela Companhia Ford, então, acabaram vendendo por um valor simbólico ao governo brasileiro.

Vale ressaltar, que em Fordlândia durante a presença da Companhia Ford, neste local houve várias desavenças, uma delas o “quebra panelas”, sendo que até então nunca houvera uma explicação exata quevenha relatar o real motivo desse conflito. Uns diziam que foi por causa da comida oferecida pelos americanos, pois os mesmos ofertavam somente pão ao invés da farinha que já eram acostumados. No entanto, outros diziam que era jogada política. Outro conflito que ocorreu em Fordlândia foi quando um negro, de origem de Barbados, assassinou um trabalhador brasileiro, um grande desentendimento entre funcionário e a direção da Companhia, com pedido expresso para que todos os negros fossem de origem estrangeira fosse imediatamente transportado para suas cidades, na verdade, tudo que acontecia, era motivo de conflito.

Apesar de tudo, foram os americanos que trouxeram grande desenvolvimento para Fordlândia e a vida financeira das pessoas que trabalhavam para eles era bastante estável. Não conseguiram êxito em seus projetos nas plantações das seringueiras e tiveram que sair da região em tudo aquilo que era grandioso e belíssimo acabou se transformando em um local abandonado, servindo apenas como um acervo.

Conforme Duarte (2015), quando Henry Ford enviou seus funcionários para averiguar se haveria condições de fazer um plantio de seringas na Amazônia, foram bem recebidos e logo o governo do Estado chamado Dionísio Bentes, ofereceu um terreno com equivalente de 10 milhões de hectares, próximo a Belterra, porém no início não foi aceito e La Rue, um dos integrantes da companhia Ford, se interessou por outro terreno que possuía somente um milhão de hectares, atualmente Fordlândia. Logo em seguida, veio uma equipe para realizar os trâmites legais da documentação, exigindo do governo brasileiro que fossem ressarcidos de todos os impostos a serem pagos, mas que pudessem retirar todos os recursos naturais existentes dentro do terreno de sua posse, licitações todas aceitas pelo governo brasileiro.

Desde seu planejamento de gestão, já havia pontos negativos, sendo um deles não conhecer toda a verdadeira realidade da Amazônia, um lugar que seria investido tanto dinheiro, além do fato das pessoas que estavam na frente desse trabalho não terem qualificação profissional específica na área, um dos fatores de

Fordlândia não obteve êxito em sua plantação da *hevea brasiliensis*, ou seja, a plantação de seringueiras na Amazônia.

Todo o planejamento foi feito pelos norte-americanos, em Dearborn, sem conhecimento da realidade amazônica. [...] Entre os enviados, não havia nenhum engenheiro florestal, botânico, biólogo, entomologista ou agrônomo. A maior plantação de seringueiras do mundo seria estruturada por pessoas que nada entendiam de botânica, de engenharia florestal, da Amazônia e que desconheciam a seringueira (DUARTE, 2015, p.1).

Observa-se que por esse motivo muitos equipamentos e materiais que seriam utilizados na obra não foram usados, com isso os gastos foram maiores e as florestas foram devastadas com fogo e querosene, o que acarretou vários prejuízos ao meio ambiente. Somente no fim de 1930, Fordlândia estava com aparência de uma pequena cidade norte-americana em meio à floresta Amazônica. Enquanto os americanos usufruíam do conforto, os trabalhadores da região enfrentavam o desconforto, principalmente, quanto a comida que era oferecida, sendo derivado de leite, enlatados e hambúrgueres, havendo contradições pois havia grande diferenças entre suas culturas.

De acordo com Bueno (2012) somente no ano de 1927, se deu início a negociação com autoridades brasileiras, porém em 1930 teve o consentimento de possuir terras em uma localidade a margem do Tapajós, a qual foi construída com uma estrutura bastante ampla e com um desenvolvimento que ofertava conforto a todos, sendo que essa pequena cidade foi intitulada pelo nome de Fordlândia. Toda extensão de terras adquirida por Ford estava baseada em um milhão de hectares, com investido de uns 20 milhões de dólares em uma pequena cidade na Amazônia, com mais de três mil pessoas empregadas e recebendo bons salários. Ford estava bastante entusiasmado com o grande desenvolvimento que as seringueiras que evoluíam.

Porém, no ano de 1932, aconteceu algo que jamais havia se esperado, o fungo *Dothidellaulei*, conhecido popularmente como o mal-das-folhas, infestou com muita rapidez todas as seringueiras e a cada dia só aumentava, o que comprometeria todo o produto que era esperado extrair das árvores. Com enorme prejuízo, a Companhia Ford não desistiu e fez uma nova plantação, mas em localidade diferente, o plantio seria em Belterra com outro investimento altíssimo, plantadas de forma diferente com auxílio de técnico que entendia de plantação, o que não aconteceu no primeiro plantio de Fordlândia. Com todos os cuidados

realizados pelos especialistas não conseguiram deter o fungo que novamente destruiu toda plantação. “Da primeira Fordlândia, pouco restou. Em Belterra, que durante muito tempo pertenceu ao município de Aveiro, ainda há construções que testemunham a passagem dos norte-americanos pelo lugar” (BUENO, 2012, p.98). Com o término da Guerra no ano de 1945, Ford vendeu as terras que havia adquirido por um preço muito inferior do que havia comprado e investido, no entanto repassou para o governo brasileiro por um preço de 250 mil dólares, essa quantia só iria efetivar todo pagamento dos trabalhadores de acordo com a lei brasileira.

Dean (1989), afirma que quando o Brasil soube da notícia que a Companhia Ford tinha interesse em terras brasileiras para fazerem plantio de seringueiras, Villares, de linhagem de cafeicultores bastante conhecida em São Paulo, tinha posse de vários hectares de terras que poderiam ser vendidas, então, logo planejou um desfalque. Foi até a cidade chamada de Akrone, vendeu milhões de hectares de terra da região amazônica por um preço muito inferior, afirmando que já teria vendido mais de 5000.000 de hectares. Ford ficou convicto de que já existia outros investimentos neste local e logo foi realizada a negociação. Em seguida, uma equipe da Companhia chegou a Belém, todos foram bem recepcionados e conheceram a localidade que seria plantada milhões de hectares de seringueiras entre Aveiro e Itaituba. Além de vender esse um milhão de hectares por um preço muito baixo, ainda foi-lhe concedido a permissão de explorar todos os recursos naturais existentes na área.

Ao adquirir as terras nas margens do rio Tapajós, em pouco tempo-lhe foi concebida o nome de Fordlândia. Inicialmente houveram várias discórdias políticas, sendo que Ford prometeu fazer um grande investimento com equivalente de 1 milhão de dólares na plantação de seringueira. Sob determinação Americana e a contratação de vários trabalhadores brasileiros, deram início a construção de Fordlândia, que seria a terceira comunidade da Amazônia de grande porte, com estrutura diferenciada das demais, uma pequena cidade que não via defeitos. [...] “muitos contribuíram para tirar Ford de suas dificuldades políticas anteriores” (DEAN, 1989, p.114). Ford fez esse grande investimento com o intuito de superar as falhas que foram praticadas no passado. A plantação não foi executada como estava no planejamento, toda preparação do solo foi minimizada e o que mais importava era extração das madeiras que tinha valor comercial. Afirma-se que:

Durante seus primeiros cinco anos de existência, Fordlândia não contou com nenhum residente em sua direção, nem mesmo um que servisse de consultor, com treinamento científico em agricultura tropical ou experiência prática no plantio da seringueira (DEAN, 1989,p.117).

No ano de 1933, a demanda da plantação cresceu e deixaram de extrair madeira para vender e só trabalhavam com o intuito de plantar mais seringueiras em toda área explorada. Não demorou muito anos e os problemas começaram a surgir, sendo que o maior foi a infestação do mal-das-folhas. Então, Ford buscou alternativas para solucionar esse problema para alavancar sua produção, uma delas foi à busca por petróleo na região que lhe pertencia, porém não obteve êxito.

A outra possibilidade que poderia minimizar a crise que a Companhia enfrentava, era uma pequena fábrica de câmeras de ar que seria estabilizada na capital, a fabricação seria da própria borracha extraída do plantio de Fordlândia,mas apesar de todo esforço não certo e todo projeto foi dizimado. No início dos primeiros anos que a Companhia Ford se instalou a margem do rio Tapajós e construiu Fordlândia, não houve procura de nenhum tipo de assistência com conhecimento especializado em plantações de seringueiras, esse foi um dos principais motivos que levou o não desenvolvimento.

3 METODOLOGIA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quando se inicia uma monografia, a primeira etapa desenvolvida é a pesquisa bibliográfica, ou seja, através da leitura de vários livros de diversos autores, pois segundo Severino (2007) é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisa anterior, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.

De acordo Ruiz (2011) as produções humanas foram estão guardadas em livros, artigos e documentos e a pesquisa bibliográfica consiste no exame desse manancial, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica. Esse acervo é dividido em duas classes de obras, como afirma o autor. A primeira é Fontes, textos originais, ou textos de primeira mão, sobre determinado assunto. Esses textos, pela importância que tiveram ou que lhes atribuíram, geraram toda uma literatura mais ou menos ampla. A segunda é a Bibliografia, conjunto das produções escritas para esclarecer as fontes, para divulgá-las, para analisá-las, para refutá-las ou para estabelecê-las; é toda a literatura originária de determinada fonte ou respeito de determinado assunto.

Dentro desse projeto, a segunda etapa a ser executada é a pesquisa de campo, quando há um diálogo entre o entrevistado e o entrevistador. O mesmo lança várias perguntas e obtêm as respostas e, assim adquire todas as informações necessárias para seu projeto. Conforme Severino (2007) o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. Essa pesquisa de campo foi realizada na comunidade São Luís do Tapajós, com pessoas que trabalharam na extração do látex.

Vale ressaltar, que segundo Andrade (2010) a Pesquisa de Campo assim é denominada porque a coleta de dados é efetuada “em campo”, onde ocorrem espontaneamente os fenômenos, uma vez que não há interferência do pesquisador sobre eles. Já Ruiz (2011) vem abordar que a pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para ulteriores análises. Esta espécie de pesquisa não permite o isolamento e o controle das variáveis

supostamente relevantes, mas permite o estabelecimento de relações constante entre determinadas condições – variáveis independentes – e determinados eventos – variáveis dependentes -, observadas e comprovadas.

Primeiramente, deve-se ser feito uma pesquisa bibliográfica sobre o tema escolhido e verificar como está a relação dessa pesquisa com outros trabalhos que já foram realizados, observando as diversificações de opiniões que possui, referências para enriquecer o trabalho atual. Com base em alguns autores como: Sampaio (2007), Franco (1998), Dean (1989), Duarte (2015) Secreto (2007) e Oliveira Filho (2011), Bueno (2012) e Santos (1932), vários artigos que descrevem todos os fatos históricos desse período.

Ruiz (2011) vem ressaltar que na pesquisa de campo existe várias técnicas na coleta dos dados. Neste trabalho foi utilizada a Entrevista que consiste no diálogo com o objetivo de colher, de determinada fonte, de determinada pessoa ou informante, dados relevantes para a pesquisa em andamento. Portanto, não só os quesitos da pesquisa devem ser muito bem elaborados, mas também o informante deve ser criteriosamente selecionado.

Andrade (2010) vem afirmar que A Entrevista constitui um instrumento eficaz na recolha de dados fidedignos para elaboração de uma pesquisa, desde que seja bem elaborada, bem realizada e interpretada. Nesse estudo elegeu-se a Entrevista Focalizada que como afirma a autora: “no caso da entrevista focalizada, elabora-se um roteiro com tópicos que serão abordados, para orientar a “conversa”. (ANDRADE, 2010,p137). Essa entrevista vem proporcionar melhor liberdade tanto para o entrevistado quanto ao entrevistador, na qual as perguntas são rigidamente reformuladas e o entrevistado pode se alongar em determinado tópico, trazendo mais informação e a entrevista transcorre como conversa informal, mesmo que o roteiro seja obedecido.

Ainda trabalhou-se a pesquisa explicativa, pois a mesma vem abordar os reais motivos que ocasionou o determinado acontecimento qual está sendo evidenciado. Como afirma Severino (2007) tem como objetivo registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos. Sendo que Andrade (2010) aborda que a pesquisa explicativa é um tipo de pesquisa mais complexo, pois além de registrar, analisar e interpretar os fenômenos estudados, procura identificar seus fatores determinantes ou seja,

suas causas. A pesquisa explicativa tem por objetivo aprofundar o conhecimento da realidade, procurando a razão, o “porque” das coisas; por isso mesmo está mais sujeita a cometer erros.

A sua abordagem será em caráter qualitativo, onde será colhido relatos verídicos de pessoas que realmente presenciaram todos os acontecimentos que houve na extração da borracha na comunidade São Luís do Tapajós. De acordo com Severino (2007) refere-se ao conjunto de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas. Como afirma Thiollent (2003) A representatividade expressiva (ou qualitativa) é dada por uma avaliação da relevância política dos grupos e ideias que veiculam dentro de uma certa conjuntura ou movimento. Nesse caso, os soldados da borracha.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA – COMUNIDADE SÃO LUIS DO TAPAJÓS



Figura 6 –Comunidade São Luis do Tapajós.Fonte:No mapa via satélite do Google. Acesso em: 27 de dezembro de 2017 às 20h 28min.

A comunidade São Luís do Tapajós está localizada à margem esquerda do rio Tapajós. Há três rotas opcionais para chegar a esta determinada comunidade, uma delas e por via aquática com a saída da orla de Itaituba subindo o rio Tapajós, outro meio de chegar à mesma e por via terrestre com saída de Itaituba a 52 km, com a descida na Vila Rayol, em seguida, realizada a travessia do rio Tapajós para chegar à comunidade de São Luís do Tapajós. O último acesso a essa comunidade é também por via terrestre na Transamazônica, 230, saindo de Miritituba com distância de 50

km e, logo em seguida, segue-se a direita na via Transpimental e, ao chegar ao km 28 da mesma, há uma vicinal a qual não possui nome específico e, por ela se chega a São Luís do Tapajós.

Atualmente na comunidade São Luís do Tapajós, reside um total de 300 famílias, entre elas estão incluídas pessoas que vieram de outras cidades em busca de enriquecer com a extração da borracha, se adaptaram na mesma e não se locomoveram mais. Muitas são oriundas da região circunvizinha e uma terça metade reside indígenas que ao longo do tempo deixaram seu habitat natural e procuram se adaptar aos costumes dos brancos e por isso a mestiçagem de raças é bem constante na comunidade.

A economia que mais predomina nesta comunidade é a pesca e a agricultura. Muitos pescadores pescam e revendem seu pescado para manter o sustento da família e a prática da agricultura é mais utilizada para subsistência.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO

A primeira entrevista realizada foi com seu José Saturno Dias, atualmente com 68 anos de idade. O mesmo reside hoje na comunidade São Luís do Tapajó e qual veio da cidade de Ceará no ano de 1957, para trabalhar na extração da borracha no Alto Tapajós, onde existia larga escala de seringueiras, com objetivo de melhores condições de vida para sua família.

Logo quando chegou a comunidade São Luís do Tapajós, seu José teve que ir trabalhar em uma determinada região no Alto Tapajós, pois tinha que levar sua esposa, sendo que retornaria para sua casa na comunidade com base de um ano, devido ao acesso ser muito difícil e perigoso. Ao iniciar o trabalho extraindo látex, o mesmo saía de sua casa na parte da manhã e levava uma merenda conhecida por boia-fria, seu retorno era só à tarde, quase às escuras.

Depois de retirar o látex, seu José mandava toda matéria-prima retirada da seringueira até ao barracão, que era localizado do outro lado do rio Tapajós em frente à comunidade São Luís do Tapajós. Todo o látex era entregue ao patrão dos barracões. O preço do quilo da borracha era muito barato, vendido em mil reis e se fosse colhido uma determinada quantidade, essa borracha era repartida na metade. Portanto, com a metade entregue do seringueiro que o mesmo pegava produtos alimentícios.

A segunda entrevista realizada foi com seu Sebastião Damasceno. O mesmo se encontra com 65 anos de idade e mora na comunidade São Luís do Tapajós. Primeiramente, os pais de seu Sebastião saíram do Maranhão no ano de 1942, para morar no rio Remachim, para trabalhar na extração do látex e, logo em seguida partiu para região de Tracuá, onde nasceu seu Sebastião e, aos seus cinco anos de idade toda sua família se mudou novamente, para comunidade São Luís do Tapajós. Aos seus sete anos de idade, o mesmo já extraía látex em busca de melhores condições de vida. Ao completar 12 anos de idade, seu Sebastião já trabalhava sozinho nos seringais e quando retirava o látex da seringueira trazia para sua casa e realizava o processo de vulcanização caseira.

Saía para trabalhar extraindo látex, desde as quatro horas da manhã, só retornando às seis horas da tarde, também levava somente um alimento frito conhecido como boia-fria.

Toda a borracha colhida era vendida para a empresa com o nome de Rocke Pintos, localizada na Vila de São Luís do Tapajós, qual comprava toda borracha extraída do Alto Tapajós. Seu Sebastião só se tornou seringueiro, porque seu avô veio do Maranhão exclusivamente para trabalhar como soldado da borracha e, aprendeu a trabalhar nesse ramo com seu avô.

Todo o dinheiro que recebia com a venda da borracha, não dava sequer para comprar um calçado. Utilizava chapéu de frande, calçava sapato feito de madeira artesanal e fazia um murrão com querosene para clarear o chão à noite. Extraía faixa de 1500 kg de borracha por ano. Além de todas as dificuldades encontradas ainda tinha que enfrentar na floresta amazônica, animais ferozes e indígenas que não queriam a presença de branco na floresta.

O avô de seu Sebastião foi recrutado para trabalhar como soldado da borracha, mas nunca foi ressarcido de seus direitos. Quando completou 12 anos de idade seu Sebastião começou trabalhar sozinho na extração da borracha, o mesmo enfrentava os perigos que tinha nos seringais na floresta, começou trabalhar na extração desde de criança foi preciso iniciar cedo a cortar seringa para poder se sustentar, e, atualmente já está idoso e nunca recebeu nenhum auxílio do governo.

4.2 ANALISE E DISCUSSÕES DOS DADOS

Com base em estudos em vários autores que relatam sobre a extração do látex na Amazônia, no primeiro e segundo ciclo, mostrando muitos fatos que ocorreram pelas citações na revisão bibliográfica, correlaciona-se com a pesquisa de campo, realizada com pessoas que trabalharam na extração do látex, observando-se que esses relatos são semelhantes com a pesquisa de campo realizada nesta monografia na comunidade São Luís do Tapajós com pessoas que trabalharam nos seringais do Alto Tapajós.

Quando um autor cita em sua obra sobre o sistema de aviação, que também aconteceu com a pessoa que foi realizada a entrevistada, que cita que o patrão ofertava todos os materiais que eram necessários para extrair o látex, desde sua entrada no seringal. Descontava na borracha que era extraída pelo seringueiro,

todos os produtos que eram vendidos para os trabalhadores, que tinham um valor altíssimo e, com isso sua dívida era uma alta. Todo seu trabalho era somente para pagar as dívidas, e quando terminava de pagar a dívida anterior já estava posto a nova dívida, pois se obrigava a comprar, pois só os donos dos barracões levavam os produtos para serem vendidos nos seringais, ou seja, não tinha concorrência e isso culminava em um tipo de escravidão por débito. De acordo com Santos:

Com efeito, muitos dos homens do nordeste vinham movidos pelo desejo de enriquecer e sonhavam com fortuna acumulada em dinheiro. Mas, em breve o estímulo inicial de acumular e usar dinheiro se convertia em uma ilusão dotada apenas de eficácia psicológica. O seringueiro ficava de tal forma isolada, pela própria disposição geográfica das atividades produtivas regionais, que seu vínculo com o “barracão” se tornava exclusivo e ele perdia quase totalmente a liberdade de usar o que ganhava. Nessas condições, a grande função desempenhada pela moeda seguia sendo a prestação de serviço de cálculo (SANTOS, 1932, p.158).

Vale ressaltar, que o quilo da borracha era vendido muito barato para os donos dos barracões, porém os patrões comercializavam com empresas que pagavam um preço altíssimo. Conforme Bueno (2012, p.105) toda a borracha produzida deveria ser entregue ao seringalista. Da borracha produzida pelo seringueiro, lhe seriam creditados no mínimo 60% sobre o preço oficial que vigorava nas praças de Manaus e Belém.

Os entrevistados têm uma relação bem parecida com a daqueles soldados da borracha, qual mostrou a pesquisa bibliográfica, com base em vários autores. Os dois entrevistados não trabalharam no extrairão látex, no período da Segunda Guerra Mundial em que houve as propagandas Varguistas, porém seus avôs e pais foram recrutados com todos “os direitos” que eram ofertados por Vargas, isso somente no papel, pois na realidade esses direitos citados por eles não existiam. Os entrevistados relatam que vivenciaram todas as dificuldades que muitos seringueiros sofreram em busca de uma vida melhor.

A comunidade era o auge das tripulações navegantes, pois todos os barcos de seringueiros, para chegar ao seringal no Alto Tapajós, teriam que passar pela comunidade e, esse grande fluxo de embarcação alavancou a economia da comunidade de São Luís do Tapajós, já que ali se estabeleceu uma firma só para comprar os produtos extraídos pelos seringueiros, mesmo havendo uma quantidade pequena de pessoas que residiam neste local.

Apesar de todo progresso e desenvolvimento ocasionado pela extração da borracha, a comunidade só foi utilizada para trafegarem em busca do ouro branco e que a riqueza que era para ser estabelecida em São Luís do Tapajós foi estruturada em outras cidades. No entanto, essa história sofrida e vivenciada por muitos seringueiros é pouca conhecida, principalmente pelas autoridades governamentais, e, mesmo pelos próprios filhos da comunidade, sendo que, somente algumas pessoas mais velhas conhecem a história. Segunda Guillen:

Nem Vargas, nem nenhum outro governo da República reconheceu os direitos dos soldados da borracha. Para alguns daqueles que conseguiram sobreviver à vida nos seringais, o governo pagou a passagem de volta. Mas isso só aconteceu aos que conseguiram um atestado médico provando que estavam inaptos para o trabalho(GUILLEN, 1997, p.101).

A grande movimentação de embarcação, o fluxo de pessoas novas nessa comunidade, a economia era favorável a todas as pessoas que viviam nesta localidade eram bem vistas entre as autoridades, mas na realidade hoje a mesma se encontra abandonada por autoridades competentes, mesmo sendo a mais antiga dessas comunidades.

5 CONCLUSÃO

Esta monografia veio com o propósito de abordar e volver relatos históricos imprescindíveis que houveram na Comunidade São Luís do Tapajós, no período do ciclo da borracha na Amazônia, com fundamento em alguns autores que contribuíram com argumentos diferenciados, com objetivo de descrever detalhadamente todos os fatos decorrentes na extração do látex.

Entre o patrão seringalista até o pequeno seringueiro, enfatiza-se que esse foi o maior prejudicado e o mais beneficiado, pois apesar de muitos irem para Amazônia com a esperança de melhores condições de vida, acabaram por, muitas das vezes adquirindo diversas doenças tropicais retornando para suas famílias, caso que aconteceu com diversos soldados da borracha, e, outros não obtiveram êxito como desejo de ficar ricos, pois a borracha era bem acessível, porém entregue por um preço muito inferior ao patrão, não deixando de enfatizar o sistema de aviamento que era frequente.

Através dos métodos utilizados, tanto na pesquisa bibliográfica quanto na de campo, pode-se analisar todos os fatos obtidos na fundamentação e na pesquisa de campo. As duas são diferenciadas, no entanto se completam. Nesta monografia a pesquisa de campo está focada em retratar como ocorreu a extração do látex na Comunidade São Luís do Tapajós. Foram coletadas várias informações com pessoas que extraíram o látex, mas não no período da Segunda Guerra Mundial, mas, com base nos relatos, foi identificado que seus pais e avós foram recrutados através da façanha da propaganda Varguista, para virem para Amazônia para melhorar de vida, além de não deixarem de contribuir com a busca pela liberdade no mundo.

Não deixando de relatar que os entrevistados, seu Sebastião Damasceno e José Saturno Dias, mesmo não extraíndo borracha para fornecer para o Estados Unidos, trabalharam muito e sofreram igual os seringueiros no período Varguista, ressaltando que todos vieram com o desejo de oferecer melhores condições de vida para sua família. Afinal todos vieram para Amazônia com objetivo de extrair muito látex e ficarem ricos, mas não ocorreu o esperado. Atualmente, já na terceira idade, descrevem vagarosamente todos os fatos, alguns bons e outros ruins, que transcorreram em toda sua trajetória em de extração da borracha no Alto Tapajós.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. ed. Atlas, 10 ed. São Paulo, 2010.
- BUENO, Ricardo. **Borracha na Amazônia: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização**, 1 ed. Porto Alegre, 2012.
- DEAN, Warren. **A luta pela borracha no Brasil: um estudo de História ecológica**, Ed. Nobel, São Paulo, 1989.
- DUARTE JR, Antônio Marcos. **Fordlândia e Belterra: as cidades de Henry Ford na Amazônia**. Revista Brasileira de Casos de Ensinos em Administração, volume 05, nº 01, jan/jun, 2015.
- FRANCO, Eimar. **O Tapajós que eu vi (Memórias)**, 1998.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. ed. Atlas, 4 ed. São Paulo, 2002.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **A batalha da borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante o estado novo**. Revista de Sociologia e Política n. 9, 1997.
- _____. **Cidadania e Exclusão Social: A História dos Soldados da Borracha em Questão**. Revista de História UFC, vol. I, Fortaleza, 2002.
- LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha: das vivências do passado às lutas contemporâneas**. Manaus, 2013.
- No mapa via satélite do Google. Disponível em GPS. Acesso em: 27 de dez., 2017, às 20h 28min.
- OLIVEIRA FILHO, Marco Aurélio Maia Barbosa. **A Luta dos Seringueiros e a Criação das Reservas Extrativista: os trabalhadores da borracha numa perspectiva histórica**. 2011.
- RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica; guia para eficiência nos estudos**. Ed. Atlas, 6 ed. São Paulo, 2011.
- SAMPAIO, Paulo. **Soldado da Borracha; herói esquecido**. 1 ed. Belém, 2007.
- SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira, **História Econômica da Amazônia: 1800-1920**. 1 ser. São Paulo, 1932.
- SECRETO, Maria Verónica. **Soldados da borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas**. ed. Perseu Abramo, São Paulo, 2007.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. Ed. Cortez, 12 ed. São Paulo, 2003.

ANEXOS

ANEXO A – Pessoas que trabalharam na extração do látex.



Figura 7 – José Saturno Dias. Fonte: Silva (2017)



Figura 8 – Sebastião Damasceno. Fonte: Silva (2017).